



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Hellen dos Santos Lira


Da fotopotoca ao meme: uma abordagem linguístico-discursiva

Rio de Janeiro

2022

Hellen dos Santos Lira

Da fotopotoca ao meme: uma abordagem linguístico-discursiva



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L768 Lira, Hellen dos Santos
Da fotopotoca ao meme: uma abordagem linguístico- discursiva / Hellen dos Santos Lira. – 2022.
76 f.: il.

Orientador: André Crim Valente.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Humorismo ilustrado brasileiro - Teses. 2. Memes – Teses. 3. Linguística – Teses. 4. Redes sociais on-line - Teses. 5. Comunicação - Teses. I. Valente, André Crim. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 741.5:[801.73:007]

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Hellen dos Santos Lira

Da fotopotoca ao meme: uma abordagem linguístico-discursiva

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 27 de junho de 2022.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)
Instituto de Letras- UERJ

Prof^a. Dra. Denise Salim Santos
Instituto de Letras- UERJ

Prof^a. Dra. Beatriz dos Santos Feres
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a mim, por todos os percalços enfrentados e superados. E aos meus pais, por terem investido nos meus estudos para que, um dia, eu pudesse ocupar os lugares que me pertencem.

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar o discurso agradecendo a Deus pelo dom da linguagem, da persuasão e da persistência que tenho quando desejo algo em meu coração. Sou grata por Ele me fortalecer em todas as jornadas da minha vida.

Agradeço à minha base familiar, meus pais, minhas irmãs e meus sobrinhos. Vocês suportaram a minha ausência em momentos que poderíamos estar reunidos. Foram alguns almoços ou comemorações que compareci bem rapidinho, tais como: Dia dos Pais e das mães. Ocasões em que dava um breve beijo, almoçava e já retornava para casa a fim de dar conta das leituras e dos trabalhos.

Agradeço à vovó Leninha (*in memoriam*) por sempre apoiar os meus estudos e por se orgulhar da carreira que escolhi seguir. Obrigada, vó, por ter me ensinado sobre força e resistência. Você sempre dizia que eu era uma “Lira” e, por isso, não devia desistir de algo facilmente. Sei que em outro plano, e dentro do meu coração, você vibra junto a mim por esse título. Na mesma proporção, agradeço ao meu avô João que até hoje me abraça, me beija e se diz orgulhoso da professora índia dele.

Além deles, agradeço à tia Nete que me deu alguns conselhos e dentre eles um ficou marcado: construa a sua vida, faça o mestrado, você é capaz e competente. Até os dias atuais, ela me fortalece com palavras de incentivo e de carinho.

Aos meus colegas de trabalho agradeço pelo incentivo, pela troca e também por me influenciarem a permanecer e acreditar no magistério, apesar de tudo.

Às minhas amigas que estiveram ao meu lado me incentivando, encorajando para que eu pudesse finalizar esse processo.

Agradeço aos colegas do mestrado por toda troca, incentivo, aprendizados e por dividirem comigo ideias, angústias e os percalços que a vida acadêmica traz.

Aos meus queridos mestres da Uerj, Liceu Literário, Bia Feres UFF, agradeço pela disponibilidade, pela simplicidade, pelo amor no ato de ensinar, por estarem dispostos a oferecer o melhor na universidade pública. Obrigada por serem resistência em um período tão caótico e instável diante do cenário político.

À minha estimada Banca, obrigada pelos conselhos, orientação e disponibilidade de estarem aqui. Bia e Denise, vocês são duas professoras incrivelmente competentes e humanas.

Ao meu dileto orientador André Valente, o meu muito obrigada pela compreensão, mão amiga, disponibilidade para aconselhar, orientar e dirigir meus passos. Dileto, obrigada

por ter acreditado nesse projeto, por descobrir comigo a importância social do meme, este que ainda não tem título de nobreza na academia e, mesmo assim, você escolheu descobrir junto a mim tal valor.

Por fim e não menos importante, agradeço à minha amiga Jéssica Couto por caminhar comigo antes mesmo desse processo iniciar. Atualmente, dividimos a vida juntas, pois já são tantos os contextos que nos rodeiam que fica difícil identificar de onde somos amigas. O que estamos vivendo pode ser compreendido a partir desse pensamento de Einstein: “Só há duas maneiras de viver a vida: a primeira é vivê-la como se os milagres não existissem. A segunda é vivê-la como se tudo fosse milagre”. Mais uma vez obrigada por me fortalecer e me encorajar na vida.

E que seja tida por nós como falsa toda verdade que não acolheu nenhuma gargalhada.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

LIRA, Hellen dos Santos. *Da fotopotoca ao meme: uma abordagem linguístico-discursiva*. 2022. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Sabemos que a linguagem é um privilégio para a humanidade, pois a partir dela o sujeito falante, a fim de atender às suas necessidades comunicativas, cria métodos, formas e “jeitos” para se expressar. Assim, este trabalho propõe de modo comparativo observar a estrutura linguístico-discursiva dos memes da internet com as estruturas argumentativas das Fotopotocas criadas por Ziraldo. Ainda nessa perspectiva, percebemos que há alguns traços de similaridades e particularidades entre esses dois gêneros textuais. Essa observação nos motivou a pesquisar mais sobre um possível resgate das fotopotocas por meio dos memes da internet. Dessa forma, criamos uma nomenclatura denominada memepotoca, visto que ambos os gêneros abordam, por meio do humor, assuntos cotidianos e políticos, proporcionando desse modo interação entre os comunicantes. Além de, a partir de um modo despretenso, criticar o governo Bolsonaro (2019-2022) e a falta de postura e de cuidado dele durante a pandemia (2020-2021). Nesse sentido, a fim de contemplar os possíveis sentidos linguístico-discursivos explorados na análise do *corpus*, a pesquisa se debruça na Teoria da Semiologia que visa contemplar e considerar os aspectos linguístico-discursivos construídos a partir da interação entre os sujeitos em dada circunstância comunicativa.

Palavras-chave: meme; fotopotoca; gêneros discursivos; rede social.

ABSTRACT

LIRA, Hellen dos Santos. *From photopotoca to meme: a linguistic-discursive approach*. 2022. 76 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

We know that language is a privilege for humanity, because from it the speaking subject, in order to meet his communicative needs, creates methods, forms and "ways" to express himself. Thus, this work proposes, in a comparative way, to observe the linguistic-discursive structure of internet memes with the argumentative structures of Fotopotocas created by Ziraldo. Still in this perspective, we realize that there are some traces of similarities and particularities between these two textual genres. This observation motivated us to research a possible rescue of the photo pots, through internet memes. In this way, we created a nomenclature called memepotoca, since both genres approach, through humor, everyday and political issues, thus providing interaction between the communicators. In addition to, in an unpretentious way, criticizing the Bolsonaro government and its lack of posture and care during the pandemic. In this sense, in order to contemplate the possible linguistic-discursive meanings explored in the analysis of the corpus, the research focuses on the Theory of Semiolinguistics, which aims to contemplate and consider the aspects constructed from the interaction between subjects in a given communicative circumstance.

Keywords: meme; photo pot; discursive genres; social network.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Charge de Aroeira – “Um voo na imaginação”.....	20
Figura 2 -	Cartum de Gargalo.....	22
Figura 3 -	Memepotoca.....	26
Figura 4 -	Memepotoca.....	27
Figura 5 -	Memepotoca.....	32
Figura 6 -	Memepotoca.....	37
Figura 7 -	Memepotoca.....	38
Figura 8 -	Memepotoca.....	49
Figura 9 -	Memepotoca.....	41
Figura 10 -	Memepotoca.....	45
Figura 11 -	Memepotoca.....	46
Figura 12 -	Memepotoca.....	47
Figura 13 -	Memepotoca.....	53
Figura 14 -	Memepotoca.....	54
Figura 15 -	Memepotoca.....	54
Figura 16 -	Memepotoca.....	55
Figura 17 -	Memepotoca.....	56
Figura 18 -	Memepotoca.....	62
Figura 19 -	Memepotoca.....	63
Figura 20 -	Memepotoca.....	64
Figura 21 -	Memepotoca.....	64
Figura 22 -	Memepotoca.....	65
Figura 23 -	Memepotoca.....	65
Figura 24 -	Memepotoca.....	66

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	DEFINIÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS	15
2	A FUNÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS TEXTUAIS	24
3	ORIGEM E HISTÓRICO DAS FOTOPOTOCAS E MEMES	30
3.1	As fotopotocas	30
3.2	Os memes	32
3.3	Semelhanças e particularidades	36
4	A CONTRIBUIÇÃO DO HUMOR NA CRÍTICA POLÍTICO- DISCURSIVA	40
4.1	“É só um meme”	42
4.2	Humor como estratégia argumentativa no meme	45
5	AS VISADAS DISCURSIVAS NA PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA	49
6	DISCURSO POLÍTICO: INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE	52
7	CORPUS E ANÁLISE	58
7.1	Contextualização histórica	58
7.2	Análise do corpus	62
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Após a leitura da obra de Valente (1997), institui-se ali a motivação para pesquisar os textos multissemióticos de cunho jornalístico tais como: o cartum, a charge e as fotopotocas. Sendo essas as protagonistas deste trabalho, visto que numa perspectiva comparativa elas se assemelham ao meme que é reconhecido atualmente como produto textual das redes sociais.

Nesse sentido, percebemos que há composições de memes que resgatam a estrutura visual e o propósito discursivo-humorístico da fotopotoca. Ademais, verificamos no “Google acadêmico” a escassez de trabalhos que contemplem o vínculo aqui proposto entre esses dois gêneros textuais, com isso esse ponto torna o trabalho apresentado inovador e um tanto quanto desafiador.

A dissertação dá prioridade à teoria da Semiologia de Patrick Charaudeau, que norteia as análises discursivas, por meio da qual visa contemplar a circunstância de produção do material memético considerando os sujeitos comunicantes do contexto.

Sendo assim, é importante ressaltar acerca das possibilidades de reflexão, interpretação que podem ser feitas a partir do conceito de implícito e explícito, contrato de comunicação e os atos de linguagem. Além dessa teoria, há também o aporte teórico e reflexivo da Linguística Textual que corrobora o entendimento sobre os gêneros textuais e dos fatores de textualidade presentes neles.

Quanto à metodologia trabalhada, apresentamos um recorte dos gêneros discursivos de cunho noticiário e os memes apresentados e disseminados por mídias diversas, tais como: *Facebook, Instagram e Twitter*. Sendo esses os meios mais utilizados atualmente, os quais tratam e recuperam historicamente os acontecimentos que ocorreram no Brasil.

Indo além, o *corpus* analisado tem como delineamento o que foi produzido discursivamente, e, posteriormente, viralizado no período de 2018 a 2021. Esse tempo engloba 4 contextos fundamentais para a análise e compreensão textual, tais como: greve dos caminhoneiros, ato político que reverbera até os dias atuais, período eleitoral para a cadeira presidencial, posse do então Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, formação dos ministérios presidenciais, e por último mas não menos importante a pandemia do Covid/2019, que trouxe uma problemática questão quanto ao uso das máscaras faciais, distanciamento social e a negligência na compra da vacina.

Desse modo, esta pesquisa tem como um dos principais objetivos abordar a funcionalidade da língua(-gem) por meio dos gêneros textuais, especialmente, os

fotojornalísticos tais como a Fotopotoca de Ziraldo (FZ), e os de cunho midiáticos como: os midiáticos: memes, *gifs*, figurinhas do *WhatsApp*, dentre outros; contribuir para os estudos de linguagens, como também recuperar, por intermédio da transmutação, as FZ, que atualmente são disseminadas e reconhecidas na sociedade como memes, por fim investigar linguístico-discursivamente o material memético disseminado nas redes sociais.

Indo além, verificamos que boa parte do nosso *corpus* é constituída predominantemente por textos que contempla a manifestação verbo-visual. Em alguns exemplos, notamos que o não verbal desconstrói o verbal, o que torna a análise do material mais significativa, pois, além de observar o que está na superfície textual, ler o não dito será primordial para a compreensão e a interpretação do material imagético.

Desse modo, o conteúdo verbo-visual explica por meio do humor as problemáticas coletivas, inclusive, de cunho político. Essa forma de satirizar e discutir os problemas sociais tem se tornado corriqueira nos dias atuais. Nesse sentido, acreditamos que a internet propicia um ambiente altamente participativo e inclusivo entre seus usuários. Dessa forma, tornou-se mais “prático” se expressar e trocar informações instantâneas por intermédio da rede social.

Ademais, a fim de contextualizar brevemente a inserção das FZ no jornalismo, faz-se necessário salientar que na década de 1960, antes dos anos de “chumbo”, o Brasil enfrentou uma turbulência nos campos da política, da economia, das artes e do jornalismo. Um dos motivos de tal instabilidade seria a alternância de poder na presidência da República, visto que, em 1961, Jânio Quadros, por motivações de “forças terríveis”, renunciou ao cargo presidencial, após sete meses de mandato. Com isso, ressaltamos que a imprensa se expressava de forma vigiada pelos novos “governantes militares brasileiros”.

Além desse contexto de produção histórica, acreditamos que os elementos linguístico-discursivos empregados nos gêneros textuais são reflexos da escolha, segundo Charaudeau, do sujeito comunicante que cria expectativa de cooperação junto ao sujeito interpretante, em dada circunstância de produção. Nesse simulacro intencional são utilizados jogos de imagem, conhecimento prévio do assunto, intencionalidade, intertextualidade e participação mútua a fim de que consigam construir juntos a coerência ou a significação dos fatos. Ainda nessa visão da Semiolinguística, a noção de contrato de comunicação, atos de linguagem e atos de falas defendidos pelo linguista contribuem com os elementos citados para a compreensão dos fatos na situação discursiva.

Doravante, faremos uma síntese dos capítulos que compõem esse estudo. Por conseguinte, no capítulo primeiro, abordaremos dentro da perspectiva *bakhtiniana* a esfera discursiva dos gêneros complexos e secundários, dos quais são criados a partir das

circunstâncias de produção acadêmica, solene e aqueles que surgem a partir de uma possível recriação da conversação cotidiana. Assim, os gêneros discursivos se revelam “relativamente estáveis” aos propósitos comunicativos.

No segundo capítulo, a pesquisa dará continuidade aos eventos de comunicação revelando a função social e flexível dos gêneros textuais contemporâneos. Nesse, seguiremos com a visão e definição que Marcuschi (2008) defende que os gêneros textuais possuem função social entre os falantes e usuários da língua. Cabe evidenciar, portanto, que as nomenclaturas dadas pelos autores destes dois primeiros capítulos não se excluem, pelo contrário, são complementares. Logo, citar o gênero como discursivo ou textual remete à noção adotada de a qual autor está fundamentada a teoria, não à exclusão de uma nomenclatura ou outra. Reiteramos que para este trabalho de cunho comparativo, adotaremos as duas perspectivas: os gêneros são textuais e discursivos.

Já no terceiro capítulo, a fim de contribuir com as abordagens linguístico-discursivas, serão adotadas as definições e usos sociais das fotopotocas e dos memes. Nessa seção, de modo comparativo, também de resgate histórico e discursivo, trataremos sobre as particularidades e semelhanças desses dois gêneros textuais. Cada qual está representando a inovação da sua época, assim como as condições de criação e uso. Essa parte é a espinha dorsal da pesquisa, aqui, praticamente está resumida a proposição da dissertação.

Indo além, o capítulo quarto norteará sobre a teoria do humor como um dos principais elementos que compõem as fotopotocas, os memes, a *charge* e o cartum. Possenti (2010, p.177) ressalta que “[...] dever-se-ia encarar a questão de autoria do humor como os literatos [...] embora em menor escala, os humoristas explicam seus trabalhos, eventualmente, sua rotina, especulam sobre o lugar do humor, sua função, debatem concepções e tendências etc.” A declaração do autor denuncia o escasso estudo sobre o assunto, visto que o jogo humorístico requer a inferência do destinatário para que a contextualização do discurso seja compreendida.

Ainda nessa perspectiva, o quinto capítulo conduzirá as análises das construções por meio das visadas discursivas de Patrick Charaudeau, da Semiologia. Consideramos relevante tal teoria, primeiro por trabalhar a importância de um “outro” no diálogo, além de abarcar o contrato de comunicação, atos de linguagem, circunstância discursiva, implícitos e explícitos do dizer, dentre tantos outros elementos que são essenciais para a análise e significação do *corpus* apresentado.

No capítulo seis, os conceitos de discurso, intertextualidade e interdiscursividade serão abordados a fim de contextualizar como também problematizar a composição linguístico-

discursiva exibida nos gêneros textuais oriundos do humor e da ironia. Acrescentando a essa ideia, há o subtítulo na seção cujo nome é “É só um *meme*”, em que revelará o modo “despretensioso” de alguns usuários que dizem o que pretendem dizer e protegem a face por detrás do gênero. Ou seja, negando a responsabilidade do que foi dito ou disseminado nas plataformas digitais, porque o suporte textual é geralmente usado apenas para brincar ou satirizar uma dada circunstância. Um outro ponto discutido também nesse capítulo é o valor argumentativo e estratégico que o humor tem.

Já o sétimo capítulo se encarregará de fazer a contextualização do *corpus* do trabalho, o modo como foram escolhidos e suas respectivas importâncias discursivas com o propósito de resgatar os acontecimentos históricos no Brasil. Ressaltamos que, para compreender o material midiático exposto, far-se-á necessária a remissão da memória discursiva dos fatos.

Assim, partindo para as considerações finais, esperamos contribuir com os estudos da linguagem, salientar os modos de construções linguístico-discursivas das fotopotocas e dos *memes*, resgatar por meio do vínculo comparativo a circulação do gênero jornalístico fotopotoca como *memes*, sendo esses produtos da expansão e inovação da internet.

1 DEFINIÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS

Inicialmente, mencionamos na parte introdutória deste trabalho, que esta seção se dedica aos estudos discursivos dos gêneros, tendo como matriz as propostas na perspectiva de Bakhtin. Na obra “Estética da criação verbal”, o autor discute acerca do surgimento espontâneo e “vigiado” dos gêneros, lá propõe uma divisão a fim de que o usuário da língua possa adequar de modo coerente o tipo de gênero às circunstâncias discursivas em que está inserido. Cabe, ainda, salientar que o estudo mais abrangente sobre o caso não foi revisado por ele.

Bakhtin (1997) reflete a linguagem como parte essencial nas relações interpessoais. Tendo como tal percepção o modo como os textos e as falas são produzidos e as esferas circunstanciais que interferem diretamente na produção discursiva.

Além disso, o filósofo discorre sobre a tentativa de representar a fala ou os contextos cotidianos por meio da heterogeneidade dos gêneros de modo que esses representem a linguagem cotidiana por intermédio da diversidade que se apresentam e se revelam, conforme podemos observar a seguir:

[...] A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gênero do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar que de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos) inclui indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano [...] (BAKHTIN, 1997, p. 158-159).

Ademais, o autor observa sobre a produção dos enunciados, os modos de organização nas condições diversas das esferas da atividade humana, pois para o estudioso os gêneros discursivos são construídos a partir dos enunciados.

Mais adiante, ele salienta que [...] o enunciado evidencia as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas...”. Entendemos, pois, que enunciado é um ato de fala individual criado numa determinada esfera discursiva que viabiliza a comunicação por meios dos recursos que a língua oferece aos seus falantes. Por este motivo, não há como classificar ou enumerar os gêneros do discurso, exatamente por apresentarem flexibilidade na composição linguístico-discursiva e por surgirem a partir das necessidades comunicativas dos falantes.

Diante desse pressuposto, alguns estudiosos contemporâneos desenvolveram outras teorias a partir da que foi aqui apresentada, e nenhuma dessas exclui o trabalho inicial e a abordagem *bakhtiniana*, a qual considera que: [...] a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.” (Bakhtin, 1997, p. 159), isto é, defende que os gêneros discursivos funcionam como correia de transmissão histórica da sociedade para a história da língua.

Desse modo, faz-se necessária a contextualização dos estudos das novas abordagens dos gêneros que inicialmente foi apresentado na antiguidade na Retórica de Aristóteles, posteriormente, receberam a concepção de “gêneros literários” e a partir da perspectiva de Bakhtin, os gêneros puderam ser entendidos como um meio de concretizar os enunciados a partir deles. Mas, foi na década de 1980 com o avanço dos estudos linguísticos que ganharam notoriedade na Academia e a partir disso, novas concepções e grupos foram aprimorando esse estudo e evidenciando o lugar de primazia dos gêneros. Os pioneiros foram John Swales (1981) e Carolyn Miller (1984) que defenderam os gêneros de cunho social. Posteriormente, Gunther Kress (1989) os defendia como mecanismo nos processos linguísticos e socioculturais, tais perspectivas históricas foram defendidas por (Motta- Roth, 2005).

Ainda nessa perspectiva histórica, Bhatia (2004) citado por Motta- Roth, sinaliza três ciclos dos textos que tiveram influência nos estudos dos gêneros no Brasil. Sendo os períodos de 1960 a 1970, a fase preliminar que tinham a preocupação de analisar a composição linguística nas proposições. Entretanto, conforme mencionado acima, a década de 1980 propõe a “virada” nos estudos, tendo como marco a pesquisa de Beaugrande & Dressler (1981) que analisava os gêneros em busca dos elementos da textualidade na superfície textual.

Além disso, na visão de Bhatia *apud* Motta-Roth, as décadas de 1980 e 1990 marcam a segunda fase que procurava entender a macroestrutura textual, ou seja, o texto era visto como resultado de alguns fatores discursivos, linguísticos e pragmáticos defendidos por Beaugrande & Dressler, tais como: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Costa Val (1981) ratificou em sua obra, os fatores defendidos pelos autores. Abaixo segue tabela com a ideia parafraseada que esta aborda no livro.

Quadro 1 – Quadro funcional – Costa Val (1981)

Coerência	É considerada como fator fundamental da textualidade, uma vez que se relaciona com a construção lógico-semântica do texto, ou seja, se conecta às ideias e sentidos que são construídos na superfície textual.
Coesão	É empregada nos textos a fim de permitir a progressão textual. Em outras palavras, atua como um elemento formal que visa estabelecer sentido e valor semântico entre as frases. Este pode ser percebido na superfície textual por meio dos mecanismos de coesão gramatical, como elipse, pronomes anafóricos e catafóricos e os mecanismos lexicais de reiteração, associação e substituição.
Intencionalidade	Elemento que possibilita a expressa intenção do produtor em construir um texto coeso e capaz de direcionar o receptor do seu propósito comunicativo. Tal como informar, exortar, elogiar, convencer, pedir, entre outros propósitos comunicativos.
Aceitabilidade	Ela está relacionada ao processo de imagens e conhecimento prévio do interlocutor. Aqui, fará junto ao emissor um esforço para construir o sentido do texto. Só haverá coerência se, somente se, o interlocutor criar conexões e inferências para constituir o texto.
Intertextualidade	Este é o critério que se relaciona com outros fatos e/ou textos. Para Dominique

	Maingueneau, este processo está relacionado com um “já-dito”. Quer dizer, todo discurso é formado por um interdiscurso, não só nos textos escritos formais, como também na retomada de conversas, debates e discursos.
Situacionalidade	Assim como os demais critérios, esta não só está relacionada à pragmática, como também à adequação do evento comunicativo. É nessa perspectiva que se define o modo de se comunicar e o sujeito dispõe do desempenho linguístico, o que fora apresentado por Chomsky.
Informatividade	É o elemento responsável que faz conexão com as informações, com aquilo que se torna relevante e novo para o texto.

No final da década de 1990 e início dos anos 2000, os estudos dos gêneros estavam avançados e com múltiplos olhares para o efeito discursivo que eles apresentavam. Inclusive, na prática de ensino, visto que Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) já os consideravam como fenômenos socialmente discursivos e inclusivos. Segundo (Motta-Roth), a temática das 3 fases apresentadas por Bhatia ressalta pontos convergentes apesar de focar em tópicos distintos dos gêneros.

Posto isto, a autora faz a seguinte separação das quatro escolas que discutiram o gênero discursivo partindo da noção que as representavam. A seguir temos:

- Evento comunicativo, na Análise do Gênero, de perspectiva instrumental praticada por Swales (1998: 20) e Bhatia (2004: 54);
- Ações retóricas típicas, na sociorretóricas representada por Miller (1984: 151);
- Funções semióticas específicas à cultura, na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1978: 145); e Conformação recorrente e progressiva de significados para realizar as práticas sociais em Martin (2002);
- Textos com características relativamente estáveis, no Interacionismo Sócio-Discursivo de Bronckart (1999: 137).

Diante disso, podemos inferir que no contexto atual brasileiro, há a presença desses quatro Grupos de Trabalho (GT). Além dessas noções, Motta salienta que:

Nos anos 2000, portanto, temos um cenário múltiplos olhares sobre o fenômeno dos gêneros discursivos. Nesta última fase dos estudos do texto escrito, identificada por Bhatia (2004) como de contextualização do discurso, a referência aos escritos de Bakhtin e à análise do discurso crítica, com a proposta por Norman Fairclough, entre outros (Motta- Roth, 2005).

Deste modo, percebemos que há linhas teóricas que defendem de diferentes modos a organização discursiva e funcionalidade dos gêneros. Nesta pesquisa, em primeiro plano, iremos considerar a visão histórica e contextualizada *bakhtiniana*, bem como os usos, as composições, as criações e as transformações que ocorrem a partir dela. Mas, ressaltamos que as demais Escolas discursivas são de extrema importância para a construção deste trabalho.

Indo além, verificamos que as teorias apresentadas abordam a maleabilidade da língua, em outras palavras, o modo como os enunciados se organizam e são formados pelo falante diante das circunstâncias enunciativas. Como desdobramento da flexibilidade e criatividade da linguagem, cabe destacarmos o fenômeno da transmutação que é o surgimento de um gênero a partir de traços de similaridade e da estrutura de outro já existente.

Assim, entendemos que recordar o passado está diretamente ligado aos indícios de transformação ou resignificação que um gênero faz. Antes de desenvolvermos tal consideração, convém ressaltar que Bakhtin abordou o termo “transmutar” ao se referir às mudanças que ocorrem nos gêneros primários oriundos da conversação, da espontaneidade e do cotidiano que diferem dos gêneros secundários ou complexos, sendo estes os que resultam da escrita mais elaborada e das esferas discursivas ideológicas. Nesse sentido, o autor evidencia que:

[...] Os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios – por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta [...] só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Em consonância com a proposta acima, podemos inferir que a assimilação se dá por meio de uma possível proximidade estrutural de um gênero em relação a outro. Aqui, podemos citar dois casos de gêneros discursivos da esfera jornalística: a *charge* e o *cartum*.

Figura 1 – Charge de Aroeira – “Um voo na imaginação”



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/aroeira/um-voo-da-imaginacao/>. Acesso em: 19 maio 2022.

Na Figura 1, há uma *charge*, gênero textual geralmente utilizado no campo jornalístico e também em exames acadêmicos. Sua origem se deu na Europa no início do século XIX quando opositores passaram a criticar, satirizar, ridicularizar, exagerar uma figura política ou ato de tirania praticado por alguém ou por um determinado grupo social-político. Apesar de haver, aproximadamente, um século e meio da sua criação, ela ainda permanece atual e com “carga” para ironizar irreverentemente a figura pública e fatos ali expostos.

Ao analisarmos a *charge* de Aroeira “Um voo da imaginação”, notamos Jair Messias Bolsonaro- Presidente do Brasil- com sua cúpula de “príncipes maquiavélicos”. Nessa ocasião, a referência se faz aos filhos: Carlos, Flávio e Eduardo. Esse material imagético ressalta a relevância do signo não verbal que é materializado na cor que está na gravata do “presidente” e no terno de Fabrício Queiroz que tem o tom que remete à laranja, visto que a família Bolsonaro é reconhecida por uma parte da mídia como “laranja” por terem tais práticas de corrupção ligadas a nomes de terceiros. Essa informação justifica a alusão à cor aqui mencionada.

Desta maneira, convém salientar que a cor laranja é marcante na *charge* e evidencia a relação da família com o esquema de uso ilícito do dinheiro público. A reportagem “Novas denúncias sobre esquemas de rachadinhas sacodem a família Bolsonaro” publicada pelo jornal “El País” em 03 de Setembro de 2021, que expôs por meio do relato-denúncia de Marcelo Luiz de Nogueira de Santos, ex-assessor do senador Flávio Bolsonaro (Patriotas), informações de como funcionava o esquema das “rachadinhas” comandado por Ana Cristina Valle (sem partido), ex-mulher do presidente Jair Bolsonaro. Era ela quem organizava a distribuição do dinheiro dos funcionários dos gabinetes do então deputado estadual Flávio Bolsonaro e do vereador da Câmara Municipal do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro. Ainda na reportagem, o ex-assessor mencionou que “ela ficava com 80% do meu salário”. Em outro trecho da

matéria, ele explica o *modus operandi* praticado por Ana [...]o esquema teria sido realizado ao longo de anos, e Ana Cristina ficava até mesmo com uma parcela do 13º salário, férias e até da restituição do imposto de renda. Ela tirava o proporcional que a gente recebia.”

Sendo assim, salientamos que o emprego da cor foi usado de forma proposital, visto que a família Bolsonaro e seus aliados foram ridicularizados, pois ainda no discurso eleitoral havia a promessa de acabar com a corrupção e esquemas de lavagem de dinheiro público.

Ainda no plano não verbal, verificamos que todos estão desprotegidos, o que, de fato, contraria as recomendações quanto aos usos das máscaras e a se manter, no mínimo, 1,5 m de distanciamento, o que seria necessário, uma vez que os personagens não residem no mesmo local. Para além disso, o olhar profundo, escancarado, sarcástico e concentrado do filho Eduardo Bolsonaro está atento para saber o próximo plano da “família”¹. Já Queiroz, portase como um coadjuvante ou “bode expiatório”, que apenas conclui o que o lhe for ordenado. Tal análise pode ser confirmada com o cruzar das mãos, como se estivesse esperando por mais uma missão.

Quanto ao plano formal constituído pelos vocábulos no balãozinho, entendemos que Queiroz questiona o chefe do esquema sobre o propósito de ter feito o depósito do cheque no valor de R\$89.000 (oitenta e nove mil reais) na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro. Sobre a semiose contida no gênero discursivo, a *charge* ironiza, por intermédio da combinação dos signos verbais e não verbais, como também do linguístico-discursivo, a controvérsia dos discursos de transparência contra a corrupção no governo Bolsonaro. Na perspectiva de Teixeira, entende-se que:

[...] A *charge* é um desenho de humor que estrutura sua linguagem como reflexão e crítica social [...] é um arma de grosso calibre a serviço da manifestação de uma “opinião pública”, canalizando a sua agressividade latente contra quem se evidencia na atividade pública, na prática controversa da política (TEIXEIRA, 2005, p. 11).

¹ O termo família foi criado por aglutinação na combinação dos termos (família + milícia) e disseminado na internet para atribuir a associação da família Bolsonaro com o ex- Capitão do Bope Adriano Magalhães de Nóbrega, que foi executado por policiais. Ele era amigo próximo e colega de farda de Fabrício Queiroz (ex-assessor de Flávio Bolsonaro). Os dois serviram juntos no 18º Batalhão da Polícia Militar, na Zona Oeste do Rio de Janeiro e participaram de rondas que resultaram em mortes suspeitas.

Figura 2 – Cartum de Gargalo



Fonte: https://br.images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrJ7GGwXptiXAYAB2Tz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3BpdnM-?p=cartum+gargalo+ratos&fr2=piv-web&type=E210BR91199G91640&fr=mcafee#id=1&iurl=http%3A%2F%2Fobviousmag.org%2Fgenialmente_louco%2Fassets_c%2F2017%2F05%2F14183763_1269361066416545_623094060399086475_n-thumb-800x533-167653.jpg&action=click
 Acesso em: 16 abr. 2022.

Adiante, destacamos a composição verbo-visual do cartum. Estima-se que ele tenha sido criado, também, por volta de 1840. De origem britânica, o cartum se assemelha à *charge* por denunciar e evidenciar os problemas sociais, semelhança que os aproximam. De outro modo, esta necessita da esfera discursiva para ser produzida, é circunscrita a uma situação-problema-denúncia específica, enquanto aquele é atemporal, reflete sobre a dinâmica das relações entre os indivíduos. Ele critica costumes e alguns hábitos da sociedade.

Desse modo, a imagem acima foi criada em maio/2017 por Gargalo, mas, mesmo estando em 2022, o cartum reflete de modo muito atual a dinâmica política e o impasse econômico que o Brasil enfrenta. No aspecto visual, notamos uma bandeira envolvendo o queijo que simbolicamente representa o país. Podemos até depreender que os ratos que cercam esse “queijo” estão em busca metonimicamente de uma fatia que simboliza o Brasil. Já no plano verbal, está a frase de efeito: “Ordem e Progresso”, que contrasta com a invasão dos ratos.

Com base em tais gêneros textuais, faz-se necessário retomar o conceito de “transmutação” apresentado por Bakhtin, verificamos que há, no cartum, propósitos discursivos, irônicos, humorísticos que também estão inseridos na *charge*. Logo, podemos inferir que houve tal processo.

Em consonância com o exposto, verificamos que apesar da funcionalidade da língua retratada nos gêneros situacionais, Charaudeau (2004, p. 2) em “Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual” apresenta controvérsia quanto ao uso “vigado” na sociedade, conforme no trecho a seguir: “[...] de maneira razoável, a hipótese de que todo

domínio de prática social tende a regular as trocas, por consequência, a instaurar as regularidades discursivas, ou ritualizações languageiras, as quais constituem uma das marcas do domínio.” Em outras palavras, todo gênero situacional se realizará dentro do seu próprio domínio discursivo, com situações, sujeitos e propósitos definidos. Dessa forma, os gêneros midiáticos se realizam dentro dessa esfera, os jornalísticos idem, e assim segue a sequência previsível.

Em outra apreciação, o autor demonstra, por meio de sua teorização, como os discursos são organizados/ construídos. Eles seguem padrões de um conjunto de procedimentos o qual intitulou “modos de organização do discurso” (Charaudeau, 1992). Tais práticas devem ser condicionadas à intenção discursiva do sujeito falante e não, exclusivamente, às esquematizações textuais/estruturais.

2 A FUNÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Nesta seção, a pesquisa se debruça nas teorias apresentadas pela Linguística Textual (LT) a fim de justificar o valor social dos gêneros textuais. Com o avanço dos estudos linguísticos no Brasil, em meados dos anos 1960 e início da década de 1970, alguns nomes se destacaram no grupo de estudiosos, dentre eles podemos mencionar Luís Antônio Marcuschi.

Mas antes de apresentarmos as considerações do linguista brasileiro, cabe aqui uma contextualização desse novo olhar para o texto, tal como suas funções sociais. Sabe-se que um pouco antes do início do século XX, a Linguística Geral era pautada nas orientações teóricas de Ferdinand de Saussure, que defendia a língua como um sistema de signos e códigos linguísticos. Mais adiante, o norte-americano Noam Chomsky apresentou uma visão menos estruturalista e mais cognitiva. Ele desenvolveu as noções de competência e desempenho, sendo essas inerentes ao ser humano, ou seja, o indivíduo tem a capacidade de criar inúmeras sentenças linguísticas de acordo com suas necessidades situacionais-comunicativas.

Posteriormente, na década de 1980, os estudos avançaram e o texto passou a ser considerado como um fator histórico-social, substituindo, assim, a ideia de considerá-lo por partes, metodológico e descontextualizado. Ainda nesse tempo, Beaugrande & Dressler (1981) desfoca do contexto e apresenta as noções pragmáticas no evento textual, já apresentadas no capítulo anterior. Tendo em vista que esse conjunto de elementos agrega na compreensão do contexto. Noutras palavras, aqui, percebemos que a LT considera o linguístico-discursivo, como também as noções de pragmática que corroboram a produção textual.

Além disso, a teoria defende que, num evento comunicativo, a partilha de conhecimentos prévios e a expectativa dos interactantes da ação são elementos essenciais para compor a textualização. Nesse sentido, com o desdobramento dessas teorias, surge a LT com a pretensão não mais de tratar o texto, apenas, com estruturas interfrásticas, desconsiderando o contexto, o conhecimento prévio, a intencionalidade, dentre outros elementos que compõem a textualização, pelo contrário, esses recursos contribuem para a construção global do sentido textual.

A partir de então, o texto já poderia ser considerado como um evento linguístico-discursivo com carga de intencionalidade e propósito comunicativo. Dessa maneira, Marcuschi (2008, p. 82) observa que: [...]o contexto é algo mais do que um simples entorno e

não se pode separar, de forma rigorosa, o texto de seu contexto discursivo. Contexto é a fonte de sentido”.

A posteriori, foi aproximadamente na década dos anos 90 que, em território brasileiro, a visão sociocognitiva se tornou relevante para os estudos linguísticos. Deste modo, as teorias dos gêneros textuais foram intensificadas e a noção de gênero ressignificada. Anteriormente, a definição dos gêneros estava relacionada com as ideias aristotélicas, portanto, muito associada à literatura ocidental que era representada pelos gêneros literários. Posteriormente, surgiu a perspectiva bakhtiniana, por meio dos gêneros discursivos.

Atualmente, os gêneros textuais são considerados pelo linguista brasileiro como estruturas (p. 159):

Quadro 2 - Os gêneros textuais para Marcuschi

a) dinâmicas;	f) orientadas para fins específicos;
b) históricas;	g) ligadas a determinadas comunidades discursivas;
c) sociais;	h) ligadas a domínios discursivos;
d) situadas;	i) recorrentes;
e) comunicativas;	j) estabilizadas em formatos mais ou menos claros.

Concordamos com as nomeações acima, uma vez que o gênero textual reflete a língua em uso, a dinamicidade da linguagem e o contexto histórico em que foi criado. Os gêneros são entidades que circulam na sociedade de modo orgânico, transitam no vai e vem das palavras, nas conversas cotidianas, nos eventos que exigem um formato específico de comportamento e de fala. Por tudo isso, eles são flexíveis e maleáveis, pois se adaptam às esferas de produção discursivas dos falantes.

Assim, também estamos com Bakhtin ao evidenciar que os gêneros se entrecruzam não só discursiva e estruturalmente, mas também há casos em que assumem a função do outro gênero. Para isso, Marcuschi cita e concorda com a sugestão da alemã Ulla Fix que nomeia a expressão “intertextualidade tipológica” para constituir o aspecto da mescla de gêneros ou a hibridização deles. Ele também sugere e adota seu próprio termo: intergenericidade.

Diante disso, destacamos que a transmutação e a intergenericidade são complementares, uma vez que a primeira está para a estrutura composicional e a segunda relacionada à substituição da função de um pelo outro. Abaixo, seguem exemplos de tais teorias.

Figura 3 - Memepotoca



Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/04/24/interna_politica,1141692/confira-a-chuva-de-memes-sobre-os-assuntos-aleatorios-do-discurso-de-b.shtml.
Acesso em: 20 fev. 2022.

Ao analisarmos o texto pelo aspecto não verbal, notamos um pai - Presidente Jair Messias Bolsonaro- dando colo e conforto ao filho (Senador Flávio Messias Bolsonaro), que aparentemente se mostrava preocupado com um possível desfecho desfavorável às expectativas criadas por ele. Nessa ocasião, Flávio Bolsonaro estava sendo investigado por esquemas de “rachadinhas”, ou seja, o retorno de parte do salário dos assessores, depósitos suspeitos em sua conta bancária e possivelmente o esquema de laranja por meio do faturamento de uma das franquias da loja de chocolate *Kopenhagen*.

É importante salientar que desde quando findou o “casamento político” entre Moro e a “família” Bolsonaro, os ataques e discursos de ódio nas redes sociais se tornaram constantes e recíprocos. Ainda nessa perspectiva, convém salientar que o mal representado pelo “bisso-papão” se refere ao então Ministro da Justiça Sérgio Moro, que era responsável também pela investigação do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF).

Quanto ao plano formal do texto, identificamos o uso de expressões que se aproximam da linguagem pueril, tais como: “Pronto, filho. O Bisso-Papão já foi embóla”, com isso tem-se a troca do dígrafo “ch” pelo “ss” na palavra “bisso” e não “bicho”, tal qual em “embóla” e não “embora”. Nessa fala afetiva, juntamente com o texto não verbal, é que se constrói a textualização da imagem de um filho que aparentemente precisa e quer o colo (a intervenção) do pai em algumas questões a fim de protegê-lo.

Quanto ao discursivo, notamos material que denominamos de meme-fotopotoca. Este ressignifica a composição estrutural e discursiva da fotopotoca criada por Ziraldo na década de 1960. Este novo arquétipo é o que está, atualmente, circulando nas redes sociais, o que pertence ao contexto multissemiótico. No entanto, percebemos que ainda há a permanência da

inclusão do balãozinho indicador da fala do personagem ou que apresenta uma nova configuração que seriam as legendas nas fotos.

Isto posto, a contextualização discursiva da Figura 3 faz menção à reunião ministerial que ocorreu no dia 23 de abril de 2020 em que Bolsonaro exige a troca do superintendente da Polícia Federal do Rio de Janeiro, o que gerou mal-estar e ocasionou o pedido de demissão do então “superministro” Sérgio Moro², havendo assim o divórcio político entre a família presidencial e o ex-juíz Sérgio Moro. A fim de ratificar toda essa análise discursiva. Segue, portanto, parte do discurso proferido pelo presidente: [...] eu não vou esperar ninguém foder a minha família toda, de sacanagem, ou amigos meus, porque eu não posso trocar alguém da segurança na ponta da linha que pertence a nossa estrutura”.

Desta forma, a fala mencionada atua na construção de sentido da Figura 3, e se dá pela substituição do superintendente da Polícia Federal que segue concomitante à saída do então ministro Sérgio Moro. Assim, o posicionamento deste ia de encontro, neste contexto, aos interesses do presidente. Indo além, verificamos mais uma controvérsia do presidente de que no seu governo não haveria escândalo nem corrupção.

Figura 4 – Memepotoca



Fonte: <https://www.polemicaparaiba.com.br/brasil/cheque-e-mate-michelle-bolsonaro-e-pastora-flordelis-viram-dupla-sertaneja-em-meme-das-redes/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

O meme-fotopotoca acima, Figura 4, reafirma o que foi defendido até aqui. O contexto da brincadeira, por intermédio do humor, é que, na mesma semana, as duas mulheres “belas,

² Superministro foi desse modo que o presidente Jair Bolsonaro nomeou o ex-juíz Sérgio Moro para cargo decisivo e de grande responsabilidade na sua base ministerial. Bolsonaro ressalta que era admirador do trabalho realizado pelo então juiz da “Operação Lava Jato”. A intenção de Bolsonaro era de “dar carta branca a Moro” a fim de que este “varresse” seus opositores, especialmente, a bancada do Partido dos Trabalhadores.

recatadas e do lar”³ protagonizaram escândalos no meio político. O portal do G1.com, em 07/08/2020, publicou que Michelle recebeu, em sua conta particular, depósitos suspeitos de Fabrício Queiroz e da esposa dele, totalizando R\$89.000,00.

É de conhecimento de todos que Queiroz foi preso em junho de 2020, em Atibaia, interior de São Paulo, porque até esse momento, estava foragido a fim de não ter de explicar o esquema das “rachadinhas”. Sabe-se que Queiroz é ex-assessor do então deputado estadual do Rio de Janeiro, Flávio Bolsonaro, e a dinâmica do esquema era a devolução de parte dos salários de outros assessores ou funcionários do gabinete ao deputado. Sobre esse fato, Queiroz era quem articulava a devolução da remuneração funcional, como também o executor dos depósitos.

Quanto à outra personagem, o Ministério Público do Rio de Janeiro e a Polícia Civil constataram, a partir de análises e contradições nos depoimentos, evidências de que Flordelis, a Pastora, foi mentora e mandante do homicídio de Anderson do Carmo, seu esposo. O crime foi considerado hediondo, pois o marido da parlamentar foi abordado e executado no portão de casa em junho de 2020.

Assim, o texto acima faz menção aos fatos ocorridos e comprometedores das duas famílias. A contraposição de todo esse último cenário é que Flordelis ficou conhecida, nos anos de 1990, por resgatar 37 crianças que estavam fugindo de uma chacina no centro do Rio de Janeiro. Por ter esse histórico de pastora, cantora gospel, missionária e mãe de filhos adotivos, tudo isso reforçou e contribuiu para que tivesse 196.959 votos nas últimas eleições para Deputada Federal-outubro/2018, sendo, portanto, uma das mais bem votadas entre as mulheres ao cargo de parlamentar.

Sobre a análise, no plano linguístico, observamos que, na composição, há um paralelismo entre os nomes, visto que “Cheque” está para Michelle e “Mate” para Flordelis. Com isso, os internautas criaram como uma forma de satirizar a possibilidade de uma dupla sertaneja “Cheque & Mate”.

Para além disso, podemos inferir que a escolha lexical possibilita a intertextualidade com o xadrez, em que o “xeque-mate” é a manobra decisiva do jogo, posto isso, destacamos, também, que o morfema “xeque” pode ser recuperado, por meio da perspectiva semântica, que considera “cheque” e “xeque” como termos homônimos homófonos já o termo “mate” estaria no sentido literal de matar ou acabar com algo.

³ O trinômio “bela, recatada e do lar” faz uma alusão à matéria publicada pela Revista Veja ao se referir à Marcela Temer como um arquétipo de mulher a ser seguido. Esse material trouxe repercussão no universo feminino, em especial, àquelas que lutam por igualdade de direitos e autonomia de escolha. A partir dessa composição, a internet recriou a construção para “livre, respeitada e do bar”.

Diante dessas análises, ressaltamos a importância dos gêneros textuais na sociedade já que permitem a inclusão de um determinado grupo ao seu meio social. Marcuschi também defende que eles também podem exercer um certo tipo de controle ou acesso a informações.

3 ORIGEM E HISTÓRICO DAS FOTOPOTOCAS E MEMES

Como já mencionado na introdução deste material, aqui, nesta seção, segue a proposição mais relevante para a pesquisa. Traçaremos um vínculo comparativo entre os gêneros textuais das fotopotocas e dos memes, obviamente respeitando as particularidades e as características entre eles. Sendo assim, acreditamos que, por meio dos processos de transmutação e da intergenericidade, chegamos até aqui.

Nos tópicos a seguir, trataremos acerca da origem de cada um, evidenciando as semelhanças e singularidades. Vimos que o gênero transmutado carrega características estruturais do gênero que ele assimilou, no entanto, ainda se permite ser reconhecido por um nome próprio, em outras palavras, com uma nova identidade e função social como o caso dos memes que utilizam o recurso da foto e da fala “criada” para sugerir um contexto.

3.1 As fotopotocas

Sabemos que as FZ foram criadas e publicadas por Ziraldo nos anos 1960, quando ele escrevia para a revista “O Cruzeiro”. Lá, este gênero da linguagem de cunho jornalístico era reconhecido como *fotofocas*, mais adiante, foi renomeado por *fotopotocas*. Esta consistia em provocar o riso por meio da subversão do humor, ou seja, as FZ eram estruturas discursivas que, comumente, ironizavam as fotos de personagens públicas, por intermédio de balões ou de legendas, que continham falas inventadas.

Sob essa perspectiva, Valente define que:

[...] A fotopotoca consiste, portanto, num trabalho de humor. Com o acréscimo de balões para falas ou pensamentos das pessoas que se encontram nas fotos, obtém-se o efeito humorístico [...] o caráter metalinguístico da fotopotoca encontra-se na explicação ou comentário verbal (os dizeres dos balõesinhos) de uma linguagem não verbal (foto) (VALENTE, 1997, p. 161).

Cabe aqui resgatar a formação lexical de foto (fotografia) + potoca = lorota, besteira, história mal contada, mentira. Nesse tempo, evidenciamos o uso delas, também, no espaço digital. Tal emprego foi mostrado no programa “Segue o Jogo” exibido em 02/06/21 pela

Rede Globo que trouxe os “balõezinhos” sendo criados, a partir da imagem do técnico da Chapecoense Jair Ventura, ao levantar a sobancelha e fixar o olhar nos jogadores.

Seguindo, Mucci Daniel (2020, p. 8) considera que: [...] as FZ são um gênero midiático multimodal que comentam os acontecimentos/notícias fotografados jornalisticamente, configurando-se pelos propósitos comunicativos de fazer rir, de criticar e de opinar sobre algum acontecimento.” Posteriormente, a pesquisadora traz mais uma consideração (Idem, ibidem) “[...] o riso que estrutura as *fotopotocas* e colabora ao propósito comunicativo não é ingênuo. De forma leve, sem ser sisudo, ele propõe, descontraidamente, novos propósitos de pensar e agir.”

Convém dizer que a partir da década de 1960, a foto se tornou uma aliada do jornalismo, pois, além de haver a comprovação da reportagem por meio de dados e argumentos bem fundamentados por intermédio de fontes confiáveis, com o emprego da fotografia surgiu a fotorreportagem, um gênero textual que visa utilizar a foto como um recurso de prova que auxilia o leitor a decifrar, por meio da imagem, a construção textual e de imaginários. Dentro dessa perspectiva, surgiu a fotopotoca como uma vertente do humor. Nessa visão, por se tratar de um texto multimodal, Jewitt (2011) considera que: “...o modo visual e a multimodalidade não têm origem moderna”, segundo a autora o modo atual como as pessoas utilizam a imagem é uma volta ao passado. Mucci Daniel (2020) corrobora essa ideia quando menciona que “...viver em qualquer cultura, é viver em uma cultura multimodal.”

Para além desse aparato discursivo, podemos considerar que a *fotopotoca*, naquele contexto em que estava inserida, representava a subversão por meio do humor que já era empregada nas histórias em quadrinhos (HQs), bem como nas *charges* e no cartum, sendo que a estrutura, nela, era com a própria foto e não com a caricatura.

Desse modo, notamos a heterogeneidade entre os gêneros situacionais. Todos esses possuem práticas discursivas e languageiras, que ora se encontravam, ora se distanciavam, até mesmo, para demarcar a organização textual, à qual pertenciam a crítica, a ironia ou a potoca.

Figura 5 – Fotopotoca



Fonte: Ziraldo, 1975

Na fotopotoca acima, Ziraldo (1975) apenas viabiliza o humor, a partir do jogo combinado dos constituintes justapostos entre o verbal e o não verbal. Nessa relação de rede, percebemos que o primeiro é justificado pela foto em que “a turma do Pasquim” sorri enquanto sente a dor ocasionada pela distensão. Sobre tal entendimento, verificamos o traço intertextual com a máxima de “só dói quando eu rio”. Ressalta-se, portanto, o caráter polissêmico do signo “distensão” (física e política).

3.2 Os memes

Foi em 1976 que o termo meme foi usado pela primeira vez pelo biólogo Richard Dawkins ao traçar um vínculo comparativo dos memes com os genes. No entendimento dele, esses dois elementos se aproximavam, exatamente, por funcionarem como transmissores de informação. Assim, em *O gene egoísta*, livro publicado no referido ano, o autor desenvolve tal conceito com interface da Sociologia e da Biologia. O fato é que Dawkins comparou a propagação do meme a partir de observar a teoria de evolução de Darwin que é baseada nos seguintes critérios: mutação (variação), hereditariedade e seleção natural.

Diante disso, Recuero faz a seguinte afirmação:

[...] A variação corresponde à capacidade do meme de mutação. Uma história nunca é contada exatamente do mesmo modo e essas pequenas variações vão gerando grandes mudanças com o passar do tempo. Já a seleção é o elemento que faz com

que alguns memes chamem mais atenção do que outros, permanecendo mais e sendo mais copiados, enquanto outros não são lembrados. A retenção é a permanência do meme no caldo cultural. É comparável com a hereditariedade, que faz com que um novo meme tenha, portanto, muito pouco de originalidade, mas seja produto de variação e recombinação de ideias antigas que permanecem presentes nas ideias atuais (RECUERO, 2009, p. 122).

Após essa definição, os estudos sobre essa estrutura de informação foram encorpando e adotando novas concepções. Dentre essas se destacam algumas noções sobre a memética e os estudos dos memes. Dessa forma, a memética para (Hofstadter, 1985, p.65) [...] é a disciplina que estuda os *memes* e as suas conexões com os humanos e seus outros hospedeiros.”

De outro modo, os memes, para Dawkins (1976, p. 197), “[...] são ideias, bordões, modos de vestir, de cozinhar ou de construir”. Ainda nessa perspectiva, Chagas (2020) reitera que:

[...] O *meme*, portanto, assim como o gene, se constitui como um replicador, uma unidade de transmissão, que carrega informações (biológicas, no caso dos genes; culturais, no caso dos *memes*) de um lado e de outro e se espalha entre as pessoas como se as contaminasse [...] a teoria dos memes, nesse sentido, pode ser perfeitamente compreendida como uma teoria dos rumores. Entretanto, do modo como é erigido, o cerne dessa abordagem não está centrado na condição da verdade que esses memes carregam, mas no modo como se propagam (CHAGAS, 2020).

Mais adiante, Dennett (1991, 1996) é quem consolida a noção sobre os memes ao abordar pela visão evolucionista e competitiva. Segundo ele, os memes evoluem e competem entre si pelos recursos da mente, ou seja, o indivíduo tem capacidade para o armazenamento de ideias e acioná-las quando necessário.

Ainda nesse olhar, Blackmore (1999) define a memética como [...] uma perspectiva orientada não só pelo humano, mas pelos próprios memes.” Essa nova percepção possibilita a explicação de que o material memético utiliza a mente humana como recurso, principal, da apropriação deles. Em outras palavras, a psicóloga acredita que os usuários depositam na mente tal material, funcionando como peça de uma engrenagem que hospeda a informação disseminada. A pesquisadora também acredita na longevidade, fecundidade e na fidelidade como protótipos dos memes, já que a longevidade permite vida longa a eles, a fecundidade está relacionada à forma como se multiplicam e viralizam e, por fim, a fidelidade de algumas criações meméticas, que apesar de serem cópias cíclicas, permanecem, na maioria dos casos, fiéis à ideia primária.

Numa dinâmica social e não psicológica como a ideia apresentada por Blackmore, Shifman (2013) defende que os memes são artefatos triviais e mundanos já que eles refletem a

realidade sociocultural. Para Shifman “... os memes da internet podem ser tratados como um folclore pós-moderno”, essa noção em relação à criação e disseminação de memes está inclusive de acordo com a perspectiva de Bakhtin que defende os gêneros discursivos como transmissores de cultura e história de uma sociedade, povo e/ou época.

Para além dessas concepções, cabe aqui ressaltar a ideia de Recuero (2009, p.21) acerca das redes sociais e seus possíveis encadeamentos criados a partir de um eu que se conjuga a outros (nós). Para a autora “...estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora cultural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais.” De acordo com a pesquisadora, a propagação dos memes está relacionada com os estudos das redes sociais, uma vez que eles ganham proporção instantânea ao ser disseminado no ciberespaço.

Nesse sentido, Recuero cria algumas classificações de memes a partir da teoria apresentada por Dawkins. Segue abaixo tabela das classificações e características de um meme que se propaga na internet.

Quadro 3 – Quanto à fidelidade da cópia (RECUERO, 2009, p. 124)

a) Replicadores	Os memes classificados como replicadores apresentam como característica básica a reduzida variação, com uma alta fidelidade à cópia original. A função primordial destes memes parece ser simplesmente informar um determinado fato. É o caso dos weblogs que direcionam por meio de um link para um determinado site.
b) Metamórficos	Essa categoria de memes que são totalmente alterados e reinterpretados enquanto passados adiante. São, assim, memes com alto poder de mutação e recombinação. Sua principal característica é ser apresentada dentro de um contexto de debate, onde a informação não é simplesmente repetida, mas discutida, transformada e recombinação.

	O meme, neste caso, parece consistir em um estímulo à interação.
c) Miméticos	Alguns memes, no entanto, possuem características ainda diferenciadas. Apesar de sofrerem mutações e recombinações, sua estrutura permanece a mesma e são facilmente referenciáveis com imitações.

Quadro 4 – Quanto à longevidade dos memes

a) Persistentes	São memes que permanecem sendo replicados por muito tempo. Além disso, nos memes persistentes se enquadram aqueles que desaparecem por um tempo, mas depois, retornam e voltam a se replicar.
b) Voláteis	Memes voláteis são aqueles que têm um curto período de vida, e que após replicarem-se em um e outro blog são rapidamente esquecidos, ou são modificados (tornando-se assim um novo meme). Memes voláteis podem ser copiados por muitos weblogs, mas apenas num curto espaço de tempo, caindo, depois, no ostracismo. É o caso, por exemplo, de algumas <i>hashtags</i> , como aquelas referentes a um evento, que ao final dele, passam a ser pouco ou nunca mais citada. Como #foratemer.

Quadro 5 – Quanto à fecundidade

a) Epidêmicos	Memes epidêmicos são aqueles com grande fecundidade, que se espalham amplamente por várias redes <i>weblogs</i> , como uma
---------------	--

	epidemia.
b) Fecundos	Essa categoria compreende memes que não se tornam epidêmicos, mas que se espalham por grupos menores, ou apenas, por poucos <i>weblogs</i> . Todos os memes são potencialmente fecundos e necessitam gerar descendência para sobreviver, mas têm graus diferentes de fecundidade.

Quadro 6 – Quanto ao alcance

a) Globais	São memes que alcançam pessoas que estão distantes entre si dentro de uma determinada rede social, não sendo necessariamente fecundos. São memes que trafegam mais pelos laços fracos e que não possuem uma conexão direta com a interação social entre leitores e blogueiros.
------------	--

3.3 Semelhanças e particularidades

Abaixo, seguem dois memes que resgatam a configuração estrutural das fotopotocas. A fim de contextualizar tais composições, precisamos recorrer à produção de criação delas. Como já defendido aqui por meio de análise e teorias, nosso trabalho propõe a reflexão sobre a relevância desse novo-velho modelo de se fazer humor com fotos legendadas. Por isso, cunhamos tal estrutura de memepotoca, por trazer a ideia de atualidade, apesar de apresentar a estrutura similar da fotopotoca. Atualmente, estas não seriam reconhecidas pelos nascidos da internet, a nova geração Y. Sendo assim, a dissertação propõe esse diálogo com o passado inclusive uma forma de conhecer novos gêneros textuais e a funcionalidade social à época em que está inserida.

Nesse sentido, essa percepção concorda com a teoria *bakhtiniana* que entende os gêneros discursivos como transmissores históricos, pois eles retratam e resgatam a historicidade de um grupo social.

Figura 6 – Memepotoca



Fonte: <https://www.humorpholitico.com.br/diogo-ramalho/memes-do-temer-presos/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

Na Figura 6, destacamos no plano verbal o diálogo criado a partir da foto de Michel Temer e de Marcela Temer que diz: “Amor, tô arrasado, vou ser preso!” – disse ele à esposa, mas como quebra de expectativa dele, ela responde: “e eu livre...”. Sobre essa construção verbal, há duas considerações a fazer:

Primeiramente⁴..., Michel Temer foi muito criticado quando “esteve presidente” por construir estruturas linguísticas que dificultavam a compreensão de boa parte do povo brasileiro. Temer empregava jargões jurídicos em seus discursos, ignorando intencionalmente, os que não tiveram/têm acesso ao saber linguístico-discursivo. Logo, só por meio do humor que seria possível a construção “tô”.

Em segundo plano, destacamos o termo “livre” que está na fala de Marcela ao se referir à possibilidade da prisão do esposo. Sendo assim, defendemos que, aqui, houve a combinação do verbal “... e eu livre” junto com o sorriso de alguém que poderia, em breve, estar fora de um casamento e distante dos escândalos políticos.

⁴ O movimento “Primeiramente, Fora Temer” foi verbalizado em 2016 por um estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que ao ser entrevistado pela repórter do programa “Bom dia, RJ” da Rede Globo, iniciou o seu discurso com “Primeiramente, Fora Temer”. Após esse ato político em rede social, várias construções meméticas foram viralizadas, até em peças teatrais, entrevistas, um dos exemplos foi o apresentador Marcelo Adnet que em seu programa também usou parte dessa construção, como “Primeiramente...”, e interdiscursivamente era possível recuperar o já-dito. Esse meme se tornou um movimento viral nas redes sociais por meio também das hashtags que impulsionaram a repulsa do povo brasileiro em relação ao golpe de 2016.

Figura 7 – Memepotoca



Fonte: <https://twitter.com/arquivomercurio/status/771826844341415940> Acesso em: 3 mar. 2022.

Aqui, observamos a foto da posse presidencial de Dilma Rousseff em 2015 com o, então, companheiro de chapa e governo, Michel Temer. Apesar de a imagem retratar o momento histórico da faixa, no ambiente virtual, a construção do memepotoca corrobora a possível resposta de Dilma a Temer, após a tomada de poder, “toma enfia no cu”. Tal fala é empregada, geralmente, quando alguém insiste por algo até que o outro perca a paciência e age de forma espontânea cedendo à vontade do outro.

Além desse aspecto, no plano verbal, o verbo “toma” remete à ideia de que a situação para obter algo foi forçada, houve a motivação da insistência, da manobra política e não do merecimento. Igualmente, na parte final da fala “...enfia no cu”, usa-se essa expressão a fim de ofender ou de revelar que não há contentamento na concessão de algo, neste caso, da faixa.

De mais a mais, verificamos que, por estarem inseridos em uma esfera social solene, o contrato de comunicação não permitiria tais palavras nos dois casos analisados, uma vez que há, de certo modo, polidez nos comportamentos e nas falas dos sujeitos envolvidos. Nessa orientação, a semiolinguística defende que:

[...] A noção de *contrato* pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações languageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência languageira de reconhecimento análoga à sua” (Charaudeau, 2016, p. 56).

Assim, de acordo com as imagens acima, destacamos que tanto a estrutura memética quanto a fotopotoca possuem teor discursivo, necessitam estar inseridas e contextualizadas para serem compreendidas. Ressaltamos, ainda, o emprego humorístico nelas como um recurso pragmático de um “eu” com o “outro”.

Esses traços permitem o vínculo da associação entre elas, no entanto, cabe salientarmos as peculiaridades que as divergem. Por efeito, nas fotopotocas, nos cartuns e nas *charges* a autoria é marcada na construção, o que provoca credibilidade ao material imagético. Diferentemente, nas composições do *meme*, que não têm autoria, por serem fruto da disseminação virtual.

Figura 8 - Memepotoca



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/765119424168473494/>. Acesso em: 4 mar. 2021.

Ainda no contexto do “Golpe de 2016”, a Figura 8 reforça pelo aspecto verbal o meme que foi, na realidade, um movimento epidêmico #foratemer que se iniciou nas *hashtags* e aos poucos o bordão foi sendo construído em apresentações acadêmicas, memes, camisas. Atualmente, por se tratar de um meme volátil quanto à sua longevidade, ficou esquecido e até o momento não foi mais mencionado nas redes.

4 A CONTRIBUIÇÃO DO HUMOR NA CRÍTICA POLÍTICO-DISCURSIVA

Neste capítulo abordaremos, por meio de teóricos da pragmática, o teor discursivo e intencional do humor. Além desses elementos, há também a contribuição da história e do conhecimento prévio para a construção de sentido da enunciação. A respeito disso, Possenti declara que:

[...] há relações determinadas entre linguagem e história, e que são essas relações que explicam o surgimento, a circulação e a interpretação dos textos; com base nisso, tenta estabelecer algumas conexões explícitas entre humor e acontecimentos. Basicamente, tenta mostrar que, por um lado, quando os textos humorísticos surgem em torno de acontecimentos “visíveis” que os fazem proliferar, sua interpretação depende, em boa medida, de um saber bastante preciso que os fazem proliferar, de um saber bastante preciso relativo a tais acontecimentos; por outro lado, outros tipos de textos humorísticos, que independem, para a sua produção, de tais acontecimentos, exigem, para sua interpretação, a mobilização de fatores de outras naturezas e outras ordens de memória, não relacionadas a acontecimentos de curta duração (POSSENTI, 2010, p. 28).

De acordo com o autor, entendemos que todo acontecimento está associado à esfera de produção histórico-discursiva dos interactantes, de modo que requeira a reciprocidade de saberes e expectativas que fazem um do outro. Nesse sentido, vinculamos esse aspecto ao conceito de ato de linguagem defendido por Charaudeau:

[...] Uma outra posição teórica consiste em conceber o ato de linguagem como produzido por um emissor determinado, em um dado conhecimento histórico. Disso resulta a ideia de que a linguagem é um objeto não transparente. Ou seja, o ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita. Este explícito significa outra coisa além de seu próprio significado, algo que é relativo ao contexto sócio-histórico (CHARAUDEAU, 2016, p. 17).

Outrossim, percebemos o quanto a construção do humor está intimamente relacionada à Análise do Discurso, uma vez que depende das circunstâncias de comunicação para que haja a construção de sentido. Desse modo, notamos que os textos multimodais que circulam na esfera midiática têm aceitação e participação da sociedade. Isso porque um saber e um conhecimento coletivo se fazem necessários, o que possibilita a interação e, posteriormente, a disseminação nas plataformas digitais.

Além desses conceitos, salientamos que o processo humorístico é um modo de dizer e satirizar as circunstâncias cotidianas, geralmente relacionadas à política brasileira. Em contrapartida, como já mencionado aqui, é necessário o conhecimento prévio do acontecimento histórico para que haja engajamento e participação dos sujeitos. Além de que

esses devem interpretar os implícitos, visitar os múltiplos sentidos construídos que se encontram adiante do material explícito.

Outra competência fundamental é o entendimento do jogo de palavras, a duplicidade de sentidos que o emprego linguístico pode provocar no texto, por fim, e não menos importante, seria a observação do que é dito no plano não verbal.

Para que essa proposição faça sentido, torna-se, portanto, viável a remissão por meio da memória afetiva a fim de resgatar o contexto histórico e o modo como os discursos foram projetados. Assim, destacamos esses jogos linguísticos estratégicos produzidos no contexto histórico-político brasileiro.

Abaixo, segue texto imagético viralizado neste atual cenário pandêmico em que o Brasil está enfrentando. O presidente, em outras palavras, é a personificação do vírus.

Figura 9 - Memepotoca



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/765119424168473494/>.

Acesso em: 2 jun. 2022.

Em primeiro plano, destacamos o emprego da construção verbal “o vírus do Ipiranga” que alude, de modo intertextual, à parte do primeiro verso do Hino Nacional brasileiro “Ouviram do Ipiranga”. Destacamos, ainda, que o emprego do termo “o vírus”, é personificação à imagem do presidente que remete ao coronavírus.

Quanto à compreensão textual-discursiva, do apostro especificativo, “do Ipiranga”, torna-se possível, por meio do resgate de um já-dito, ou seja, o presidente Jair Bolsonaro já esteve/está capitão do exército, portanto, esse trecho resgata tanto a jornada militar quanto, também, a influência dele neste segmento.

Nesse sentido, Orlandi (2005) acredita que [...] a memória também faz parte do discurso, logo a maneira como ela surge induz às condições de produção de discurso, e assim, a memória é considerada como interdiscurso”. Igualmente, a composição do sentido está

relacionada à memória e a sua formulação à atualidade em que está inserida. Foucault corrobora essa opinião:

[...] Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas consequências, por mais facilmente esquecido que possa ser sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento estranho, por certo inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre a si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro: em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação (FOUCAULT, 2008, p. 32).

Ainda nessa perspectiva, evidenciamos os elementos não verbais imbricados na composição, tais como: a faixa com as cores da bandeira brasileira e a fisionomia dele que parece estar cantando o Hino Nacional.

4.1 “É só um meme”

Neste tópico, seguimos com a percepção de que o humor crítico-filosófico usa de meios estratégicos para disfarçar a intenção pretendida. Assim, cabe salientar o conceito pragmático nomeado de “proteção da face”. Desse modo, Goffman (1985, p. 77) elucida face como [...]o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico.”

Nesse sentido, faz-se necessária a polidez no emprego das palavras, nos encontros presenciais, firmamos a indisposição discursiva para não entrar em desacordo com o interlocutor. Sabemos que em uma conversação, os sujeitos falantes utilizam dos atos de fala para expressarem o que sentem ou pensam, visto que eles auxiliam na construção de sentido.

Sobre tal conceito, Azeredo (2018, p.77) interpreta que [...]as pessoas dirigem palavras umas às outras movidas por algum propósito: pedir ou dar uma informação, fazer um convite, dirigir uma saudação, prometer algo”. Em concordância com o autor, Searle (2002, p. 176) aponta construções textuais no princípio da expressividade, ou seja, tudo que se pode pensar pode-se dizer. O filósofo evidencia e observa que: “... em quantos sentidos se pode entender que dizer algo é fazer algo, ou ao dizer algo estamos fazendo algo, ou mesmo os casos em que por dizer algo fazemos algo.” Semelhantemente, a ideia defendida pelos

analistas do discurso ao afirmarem que o evento comunicativo ou pragmático dispõe da intencionalidade discursiva sobre o fazer do interlocutor.

Sobre esse comportamento, Austin (1990) corrobora a conceituação anterior e denomina de “atos locucionários”, além de considerar as possíveis situações em que são empregados, a saber:

Quadro 7

1 - Perguntando ou respondendo a uma pergunta,
2 - Dando alguma informação, ou garantia, ou advertência,
3 - Anunciando um veredito ou uma intenção,
4 - Pronunciando uma sentença,
5 - Marcando um compromisso, fazendo apelo ou uma crítica,
6 - Fazendo uma identificação ou descrição.

A partir desse recorte de situações, o pensador faz um adendo acerca das expressões construídas nos atos. Para ele, no ato locucionário se emprega a fala, no entanto, a depender do sentido e intenção discursivos essa mesma construção denotará outros possíveis sentidos e, por conseguinte, comportamentos. Essa teoria reforça a distinção que o filósofo faz entre significado e força, tal como a exemplificação a seguir: Austin (1990, p. 87): “... quero distinguir força de significado, no sentido em que significado equivale a sentido e referência, assim como se tornou essencial distinguir entre sentido e referência dentro de significado.”

Mais adiante, o autor apresenta outro tipo de ato o perlocucionário em que ao dizer com frequência, ou até de modo costumeiro, tal comportamento poderá produzir efeitos e

sentimentos, ou até mesmo, ações e atos comportamentais do/no ouvinte. Essa pode ser uma tática proposital, geralmente usada por grupos, empresas ou pessoas que tendem a convencer retoricamente o interlocutor de fazer ou adquirir algo.

Até aqui, nota-se a importância da escolha lexical para fins próprios, pois é por meio do mecanismo da linguagem que os discursos cumprem os propósitos intencionais esperados em cada contrato de comunicação. Ducrot destaca:

[...] Descrever semanticamente a língua é atribuir uma significação a cada uma das suas frases. “Ora, nós tentamos mostrar que essa significação da frase deve ser compreendida ela própria como um conjunto de instruções permitindo prever, para cada um dos enunciados, que sentido ele terá, tendo em conta a situação em que é empregado (DUCROT, 1984, p. 385).

Em seguida, Ducrot traz considerável contribuição acerca da responsabilidade do sujeito no discurso ao declarar que “...o locutor é o agente da atividade psicofisiológica de que resulta o ato de fala”. A teoria da enunciação apresentada pelo filósofo se consolida na descrição da língua em uso, viva e com intencionalidades.

Ainda nesse entendimento, verificamos que os *memes*, por não possuírem autoria identificada, protegem a face de quem os dissemina. Esse procedimento não ocorria nas FZ, lá, Ziraldo as produzia ironicamente e se identificava como produtor da crítica. Ou seja, assinava o material imagético com o próprio nome ao expor as insatisfações, provocando o humor crítico por meio de situações corriqueiras sociais e políticas.

Em outro contexto, quando os *memes* são disseminados pelos usuários nas plataformas digitais, e o “tom” da brincadeira é de cunho ofensivo, extremista, os sujeitos utilizam da frase “é só um *meme*” para protegerem a face e se eximir da responsabilidade discursiva.

Sob essa perspectiva da proteção da face, Marlow (2004) salienta que “...para o uso de links como forma de identificação nos *weblogs* e presume que eles possam inferir laços sociais entre os indivíduos [...] os usuários optam por criar perfis falsos e utilizá-los para as interações nas quais não desejam ser reconhecidos pelos demais. Sendo assim, torna-se cômodo espalhar *fake news*, proferir discurso de ódio, *stalkear* outros usuários uma vez que no ciberespaço, ainda, há essa brecha para a manifestação de alguns atos apesar de haver leis que visam à punição de tal postura.

4.2 Humor como estratégia argumentativa no meme

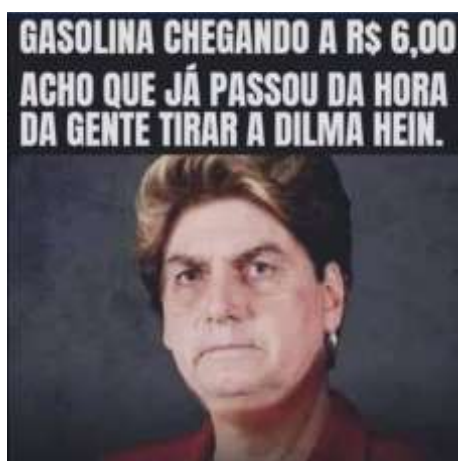
Segundo Brait (1996, p. 14), a ironia é argumentativa uma vez que se debruça em três aspectos discursivos: o humor, a intertextualidade e o interdiscurso. Sob essa visão, a obra aborda, por meio da ironia argumentativa, a possibilidade de discussão de alguns aspectos culturais, sociais, religiosos, críticos uma vez que esse recurso linguístico retoma interdiscurso irônico que tem por fim o riso como consequência.

Sendo assim, “... a ironia pode revelar-se via um chiste, uma anedota, uma página literária, um desenho caricatural, uma conversa descontraída, ou uma discussão acirrada...”. Dessa maneira, a autora apresenta a ironia como um recurso polifônico, também, uma vez que retoma a outras vozes, outros discursos. Essa perspectiva versa a que foi defendida por Bakhtin.

Mais adiante, a ideia defendida por Brait ratifica a teoria de Charaudeau, ao considerar que:

[...] Ao afirmar-se que tanto o humor quanto a ironia dizem respeito a uma série de artifícios expressivos produzidos em diferentes níveis linguísticos, e que são selecionados e organizados por um produtor que se apresenta como sujeito, enunciador, locutor[...] texto e discurso são processos que implicam produção e recepção, ou seja, sujeitos envolvidos em uma interação (BRAIT, 1996, p. 14).

Figura 10 - Memepotoca



Fonte: <https://disparada.com.br/lavajatismo-bolsonaro-dilma-temer/>
Acesso em: 2 jun 2022.

Na figura acima, retomamos interdiscursivamente o contexto do golpe de 2016 em que Dilma Rousseff foi retirada da cadeira presidencial após um grande acordo nacional. Havia

por parte de opositores e “aliados” um grande acordo para retirá-la do poder e, nesse combinado, haveria o *impeachment*. Em decorrência disso, Michel Temer vice-presidente e “aliado” assumiria a presidência. O objetivo era interceptar o avanço da operação Lava-Jato na pasta que competia à auditoria das fraudes na Petrobras. A crise na estatal foi um forte argumento motivador para o fortalecimento do discurso de que a então presidenta Dilma Rousseff precisava ter o seu segundo mandato interrompido. Já no plano visual, destacamos a face do então presidente Jair Bolsonaro “encaixado” disfarçadamente na roupagem de Dilma Rousseff. A intenção aqui é recuperar discursivamente o principal argumento da retirada dela do poder a fim de que o mesmo seja feito na presente gestão. Tal ideia é reforçada de modo combinado com o que está expresso no plano verbal: “Gasolina está chegando a R\$6,00 acho que já passou da hora da gente tirar a Dilma hein.”

Desse modo, afirmamos que o efeito de humor irônico e persuasivo está no modo imbricado dos elementos discursivos, não verbais e os verbais, além disso, o uso da primeira pessoa do discurso traz mais credibilidade e proximidade ao leitor, criando uma relação de parceria, em que ambos partilham do mesmo desejo: FORA BOLSONARO!

Figura 11- Memepotoca



Fonte: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/fq22oz/vem_pra_caixa_voce_tambem_vem/ Acesso em: 1 maio 2022.

A Figura 11 foi construída em junho de 2020, período em que o Brasil enfrentava a primeira curva de ascensão da pandemia, um dos momentos mais instáveis que o país passou: várias trocas de ministros da Saúde e quebra da parceria política entre Moro e Bolsonaro.

Além disso, destacamos os atrasos nas obras de hospitais de campanha, o superfaturamento de insumos e o alto índice de mortes.

De mais a mais, realçamos os aspectos linguísticos empregados na composição memética: “Junte-se a nós! Vem pra Caixa Você também!”. Primeiramente, destacamos o emprego da linguagem apelativa convidando “Você”, pronome de tratamento, mas que nesse emprego individualiza quem lê, tal motivo justifica a letra maiúscula. Outro aspecto a ser focado seria o uso de uma linguagem simples, cotidiana, informal, a fim de aproximar o leitor. Tal estratégia pode ser ratificada com a colocação do pronome “nós”.

Ainda nessa perspectiva, marcamos a aplicação do vocábulo “Caixa”, que foi usado de forma polissêmica e intertextual: caixa de ficar guardado, “caixão”, e o segundo uso seria Caixa como instituição financeira, que utilizava essa construção apelativa para adquirir novos clientes.

Além disso, observamos o aspecto não verbal do dedo indicador apontando para o caixão imbricado com o riso maquiavélico de Bolsonaro. Essa análise fará sentido se, somente se, o leitor tiver o conhecimento do contexto interdiscursivo, que o presidente contrariava o protocolo proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que orientava a extensão dos dias de isolamento e o uso de máscaras em locais públicos. A comercialização, quase que compulsória, da composição da cloroquina, mesmo não havendo comprovação científica, era outro problema, pois o Governo Federal defendia o seu uso.

Figura 12 – Memepotoca

"Amor, quando passar no concurso promete me levar para jantar em um lugar caro?"

"Claro, amor"



Fonte: <https://twitter.com/reinaldoazevedo/status/1363301887290785796?lang=ca>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Segundo Bergson (1960, p. 20-21), o riso é um elemento com função social e de caráter coletivo “... o riso deve preencher certas exigências da vida em comum, deve ter um

significado social.” Nessa perspectiva, evidenciamos que, apesar do cenário político e econômico, o brasileiro constrói, por meio do humor, uma maneira de criticar a circunstância do elevado preço do combustível.

Cabe, aqui, ressaltar que esse material memético foi construído em maio de 2018, na greve dos caminhoneiros, mas que desde esse período até os dias atuais o valor do combustível tornou “artigo de luxo” ter a gasolina e não mais o automóvel.

No plano verbal, há o diálogo de um casal que combina jantar em um local caro. Geralmente os encontros amorosos são feitos em ambientes luxuosos também. Não obstante, foram jantar em um posto de gasolina. A imagem empregada como elemento não verbal constrói a quebra de expectativa do discurso humorístico. Além de tudo, as cores verde e amarelo estão marcando que o possível posto seria o da Petrobrás.

5 AS VISADAS DISCURSIVAS NA PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA

Este capítulo tem por objetivo central ressaltar as contribuições que a Teoria da Semiologia proporcionou aos estudos da linguagem. Essa concepção concede voz e vez ao “outro”, que antes era definido pela Teoria da Comunicação de Roman Jakobson como “tu” destinatário. Já na visão de Patrick Charaudeau, o “outro” tem destaque e participação ao construir os sentidos nas circunstâncias discursivas, assumindo o papel de um sujeito social.

Desse modo, Charaudeau iniciou um estudo progressista, propondo novas visões que tangem não só à linguística, mas também, versa com a pragmática, e teorias que abordam e observam o que está, geralmente, no plano extralinguístico também.

Assim, destacamos algumas noções nomeadas por ele a fim de que possamos contextualizar os materiais imagéticos aqui analisados. Por conseguinte, ressaltamos o aporte pragmático que o ato de linguagem possibilita nas conversações. Desta maneira, Charaudeau define que:

[...] O ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita. Este explícito significa outra coisa além de seu próprio significado, algo que é relativo ao contexto sócio-histórico [...] os seres da fala não são descartados já que são definidos em suas diferenças. O emissor é diferente do receptor pelo fato de que este último pode construir um sentido não previsto pelo emissor (CHARAUDEAU, 2017, p. 17).

Por efeito, concordamos que a linguagem está além do plano verbal. Nesse sentido, esta teoria vem ao encontro das análises realizadas das fotopotocas e dos memes, uma vez que consideramos todas as circunstâncias de produção e os sujeitos da encenação. Tudo isso é conceituado por Charaudeau, unicamente, porque ele defende que a língua não é transparente, e sim intencional. Tendo em vista que, por detrás dos elementos intralinguísticos, há em combinação com esses os que são provenientes dos discursos e da pragmática.

Para além dessa concepção, evidenciamos que o ato de linguagem apresenta linguagens múltiplas que visam construir a significação do ato de fala, isto é, ele aglutina conhecimentos que estão em um plano dimensional, como: implícitos e explícitos. Tal conceito é ratificado pelo autor que admite que:

[...] O ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que *falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão. De onde se conclui que o Objeto do

Conhecimento é o *do que* fala a linguagem através do *como* a linguagem, *um constituindo outro* (e não um *após* o outro) (Charaudeau, 2016, p. 20).

Destarte, a definição revela as camadas da linguagem que circulam nas esferas conversacionais. Além desses aspectos, destacamos a participação, conjunta, entre os falantes em que a fala se alterna, cruza-se, complementa-se e, apesar de demonstração de ideias contrárias, o ato conversacional não exclui uma ou outra. Essa complementação dos turnos está imbricada com a importância que a teoria propõe ao “tu”.

Isto posto, Charaudeau defende que o ato de linguagem não deve ser resumido, apenas, a atos de comunicação em que o emissor emite a mensagem e o destinatário a recebe sem elaborar qualquer tipo de objeção. Ao contrário disso, ele legitima que em uma circunstância de discurso, há sujeitos sociais que dialogam a fim de encontrarem, conjuntamente, sentido na situação sócio-discursiva.

Deste modo, o linguista apresenta a definição dos sujeitos da linguagem em que os processos pelos quais funcionam como meios da dialética conversacional. Logo, o processo de produção pertence à criação de um “Eu” que se desloca para um “Tu- destinatário”. De outro modo, a fim de juntar as expectativas de ambos, este sujeito cria por intermédio de um “Tu- interpretante” o mecanismo de interpretar uma possível representação imagética do “Eu-locutor”.

Além dessa perspectiva dialética que se estabelece entre os quatro sujeitos da comunicação, evidenciamos a teoria do contrato de comunicação que se firma nas circunstâncias de discurso.

Ainda nessa visão, evidenciamos a importância das visadas discursivas uma vez que elas podem direcionar o sujeito enunciador acerca da intenção no qual ele pretende criar em relação ao “Tu” destinatário. Nesse sentido, cabe ressaltar o aporte teórico da Linguística Textual a fim de justificar o emprego da intencionalidade discursiva que o sujeito emissor projeta sobre o “outro”, tendo como fim a aceitabilidade a fim de que seja compreendido.

Para além desse olhar, Charaudeau desenvolve os conceitos de compreensão e interpretação discursiva que visam nortear a temática dos elementos internos e externos à enunciação. Podemos dizer que, segundo o autor, há a combinação dos imaginários sociais e discursivos na dinâmica interacional. Isso se deve porque na perspectiva da compreensão, os elementos são de conhecimentos amplos, gerais, já na temática da interpretação o sujeito interpretante precisa acionar os conhecimentos prévios, linguísticos e discursivos a fim de que consiga elaborar uma inferência. Em outras palavras, essa última operação tange à subjetividade do sujeito discursivo.

De mais a mais, a Semiologia acredita que em uma situação de comunicação os atores são seres híbridos, ou seja, sociais e coletivos. Tendo em vista que, segundo Charaudeau (2018. p. 51), pode-se representar “... a comunicação humana como um teatro, uma vasta cena na qual seres humanos representam, por meio de seus atos de linguagem, espetáculos relacionais diversos, nos quais alguns previstos e outros são improvisados.”. Nesse trecho, o autor aborda parte da tensão que é construída a partir de um evento comunicativo. A depender de quem seja o “outro”, a instância e os dispositivos mudam e se enquadram a fim de obter o fim desejado.

Em suma, notamos que as visadas discursivas são um conjunto de elementos linguísticos, discursivos e pragmáticos que imbricados produzem o efeito de sentido ou as inferências esperadas no discurso.

6 DISCURSO POLÍTICO: INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE

Nesta parte, abordaremos elementos que se encontram nos planos linguístico e extralinguístico das composições meméticas. Cabe, portanto, salientarmos que os materiais imagéticos são reproduções veiculadas nas redes sociais. Sendo assim, evidenciamos que não há produção autoral identificada.

Na visão *bakhtiniana*, a noção de discurso é definida de acordo com a maleabilidade da língua, isto é, ela permeia as esferas da comunicação humana se revelando volátil a fim de se inserir nas mais variadas camadas discursivas, em especial, a política. Ainda nessa convicção, entendemos e concordamos que os discursos são produzidos em dada circunstância sociável e são materializados nos gêneros textuais, a partir dos enunciados. Sendo assim, Bakhtin assegura que:

[...] Uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular (primário e secundários), ou seja, dos diversos gêneros do discurso [...] ignorar a natureza dos enunciados e as particularidades de gênero que assinam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra a língua (BAKHTIN, 1997, p. 159).

Semelhantemente a essa ideia, Charaudeau (2019, p. 40) salienta que os discursos estão voltados para além das regras de uso, tais como: as morfológicas, as sintáticas e as semânticas. Eles resultam da combinação circunstancial em que se fala ou se escreve com o modo pelo qual se fala. Além disso, há elementos imbricados de natureza extradiscursiva e das relações intradiscursivas responsáveis pelo efeito de sentido.

Desse modo, compreendemos que a disseminação dos *memes* virais corrobora o repasse dos discursos, com efeito, de verdade. A transmissão das informações é encaminhada pelos usuários da internet, que sem fazer verificação dos enunciados ali materializados, recebem a ideia e a cristalizam como fidedigna.

Além de tudo isso, esse gênero discursivo tem sido utilizado na política brasileira a fim de polarizar o país e construir uma identidade coletiva, a partir da voz de outrem. Acerca de tal proposição, Charaudeau acredita que a palavra em ação (movimento) exerce poder sobre os sujeitos a partir do efeito de influência. Assim, o autor ratifica que “[...] pode-se dizer que todo ato de linguagem está ligado à ação mediante as relações de força que os sujeitos

mantêm entre si, relações de força que constroem simultaneamente o vínculo social” (Charaudeau, 2018, p. 17).

Nessa noção, traçamos um vínculo com o conceito de dialogismo que fora apresentado por Bakhtin, que consiste no cruzamento de discursos presentes no próprio discurso. Em outras palavras, um discurso sempre remete a outros discursos, conjuntamente, que resgatam um já-dito. Barthes (1974) lembra que [...] todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis.” Sendo assim, quando o sujeito discursa, diretamente, está versando com o discurso de si próprio, nessa visão Koch (1991, p. 530) ratifica que [...] a intertextualidade é uma condição e existência do próprio discurso.”

Adiante, Maingueneau (2008, p. 20) afirma que [...]o interdiscurso tem precedência sobre discurso. Isso significa propor que a unidade de análise presente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos.”. Logo, o intertexto é um componente decisivo nas esferas discursivas, pois corrobora a produção de sentido e recupera o já-dito.

Figura 13 – Memepotoca



Fonte: https://static.poder360.com.br/2020/05/93829386_127651218880752_5418519049732620288_n.jpg.
Acesso em: 4 jun. 2022.

Na Figura 13, notamos a presença de elementos comparativos entre dois “barcos”. Essa imagem retoma a fala de Roberto Justus, empresário e apresentador do programa “Jovem Aprendiz”, que, ao falar sobre o isolamento social, disse que a população precisava voltar ao trabalho, pois todos estavam no mesmo barco.

No início da pandemia, uma das medidas de prevenção foi o isolamento social adotado por alguns governantes, tal postura contrariava politicamente as práticas linguageiras de Bolsonaro, que discursava para os possíveis “tu destinatário” e, no caso de Justus, encontrou um “tu interpretante”.

Desta maneira, observamos que no que tange ao plano extralinguístico, a comparação construída dialoga com a desigualdade e as discrepâncias sociais. o humor foi provocado a partir do emprego no sentido metafórico da palavra “barco”.

Figura 14 – Memepotoca



Fonte: Autoria não identificada via WhatsApp.

Já na memética da Figura 14, encontramos o elemento da intertextualidade uma vez que dialoga com o programa Big Brother Brasil, exibido pela Rede Globo, que retrata o cotidiano dos participantes no confinamento com outros adversários. Logo, a significação entendida como a combinação dos explícitos e implícitos, teoria defendida por Charaudeau, faz-se necessária visto que o primeiro apresentador foi o jornalista Pedro Bial. Esta situação versou com o cenário dos brasileiros que estavam em casa confinados sozinhos ou acompanhados.

Figura 15 – Memepotoca



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/681732462332584238/>. Acesso em: 1 abr. 2021.

Na construção da Figura 15, embora não haja o elemento intralinguístico, a compreensão do texto remete a interdiscursos presentes nela. Além disso, percebemos a intertextualidade com a bandeira nacional brasileira, o que retoma o discurso proferido, na campanha eleitoral, pelo então presidenciável Bolsonaro ao dizer que a bandeira do Brasil jamais seria vermelha.

Nesse sentido, destacamos o interdiscurso de Bolsonaro em campanha eleitoral prometendo ao seu grupo político que a corrupção acabaria, os ministérios seriam formados por técnicos, dentre tantos outros discursos que foram derrubados com a prática ao assumir o poder. À vista disso, dentre os discursos presentes na imagem, evidenciamos as investigações e os escândalos políticos envolvendo a família dele, como: o esquema da rachadinha, isto é, o retorno de parte do salário que deveria retornar aos bolsos do então deputado estadual Flávio Bolsonaro e o depósito de R\$89.000 na conta da primeira-dama. Tais práticas desconstroem o discurso defendido por ele sobre a promessa do fim da corrupção, além disso, a cor laranja da bandeira substitui o verde, o azul e o branco por laranja e a permanência do amarelo.

Figura 16 – Memepotoca



Fonte: Autoria não identificada via WhatsApp.

Na Figura 16, há a retomada do interdiscurso por meio da ironia que permite à remissão da estratégia discursiva que foi construída, principalmente, no período em que o Brasil era governado pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Tal recurso ganhou notoriedade em meados do segundo mandato de Dilma Rousseff, pois ali já havia um combinado entre a oposição e o Supremo Tribunal Federal (STF) para retirá-la do poder, com o propósito de que houvesse interferência na Operação Lava Jato que era capitaneada por Sérgio Moro, então juiz federal.

Feito o processo do golpe de 2016, o PT saiu do poder, e a promessa da oposição era que com essa transição não haveria corrupção, nem lavagem de dinheiro, o pobre entraria no orçamento das contas públicas. Passados seis anos do golpe, ainda há brasileiros que sofrem com o aumento dos alimentos, o baixo poder de aquisição de bens, o aumento da inflação, da taxa Selic e ainda assim permanecem “satisfeitos” por terem tirado o PT. Quanto ao aspecto não verbal, destacamos uma mulher branca, loira, sem traços de negritude e que, provavelmente, não precisou dos programas sociais do PT. Mesmo após estar afundando na lama com a atual gestão, ainda assim ela continua com o discurso que muitos utilizaram no período eleitoral de 2018, de que era só tirar o PT que o Brasil melhora.

Figura 17- Memepotoca



Fonte: Autoria não identificada via WhatsApp.

Na Figura 17, percebe-se a combinação de elementos extralinguísticos que influenciam na construção linguística do meme acima. Inicialmente, na composição verbal “Se eu mandar prender o Lula, Bolsonaro e Ciro eu sou o favorito”, a ironia é provocada a partir da conjunção subordinada condicional “Se”, que indica a possibilidade do favoritismo nas eleições para presidente do Brasil, que ocorrerá em novembro de 2022.

Posto isto, recuperamos discursivamente a narrativa de Moro, até então juiz federal, que condenou Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil, em abril de 2018, por lavagem de dinheiro e pagamento ilícito a empreiteiras. Lula ficou 580 dias preso. Mas no dia 08 de novembro de 2019, foi solto de forma condicional. O fato relevante dessa narrativa foi o fato de o ex-presidente ficar impossibilitado de participar do pleito eleitoral para presidência do Brasil. O movimento bolsonarista ganhou notoriedade tendo como consequência a vitória nas urnas.

De mais a mais, Moro em janeiro de 2019 aceitou o convite de Bolsonaro para compor a cadeira ministerial da Presidência. O ex-juiz abdicou da carreira após 25 anos para iniciar uma outra, agora na política e com o inimigo político de Lula. Após esse evento, podemos dizer que houve parcialidade no juízo de valor de Moro em relação ao caso do representante do PT.

Atualmente, Moro é um possível candidato à Presidência da República, nas eleições de 2022. Assim, recuperado esse contexto discursivo, a crítica humorística é construída uma vez que com a condenação, Moro impossibilitou Lula de participar das eleições de 2018, e havendo alguma possibilidade, ele pode “impedir” os demais candidatos citados também.

No aspecto não verbal, destacam-se os elementos das luzes vermelhas na mente e nos olhos dele como se fosse um “raio-x” de uma nova possibilidade surgindo. Cabe ressaltar que no período da investigação da Operação Lava Jato, Sérgio Moro foi considerado, por muitos, como um herói.

7 CORPUS E ANÁLISE

O *corpus* desta pesquisa será construído por textos multimodais, os jornalísticos como a *charge*, o cartum e a fotopotoca de Ziraldo, mas também, e principalmente pelos *memes* virais e suas possíveis classificações.

Portanto, como já mencionado na introdução, o contexto do trabalho está compreendido pelo período de maio de 2018 a dezembro de 2020. Esta demarcação temporal retrata, por meio das produções midiáticas, o contexto inseguro, confuso e incerto do cenário político brasileiro.

Desta forma, gostaríamos de ressaltar que, ao longo do trabalho, haverá materiais analisados e contextualizados. Logo, evidenciamos que o uso deles será para o emprego e a inserção de uma determinada teoria, isto é, não seguirá ordem cronológica dos fatos.

Destacamos, ainda, a importância e a contribuição da internet para nossa pesquisa, pois é a partir dela que os materiais são postados, compartilhados e, conseqüentemente, viralizados. Igual valor têm as plataformas inseridas nela, tais como: Instagram, Facebook, Twitter, WhatsApp. Podemos dizer que a conectividade que o meio virtual proporciona é a estrutura macro, que abarca todas essas últimas.

7.1 Contextualização histórica

O ano de 2018 foi marcado pelo final do “governo Temer”, período eleitoral com destaque para a ascensão do movimento bolsonarista, incluindo a greve dos caminhoneiros em maio do mesmo ano, fato que repercute até os dias atuais no cenário político.

Desde 31 de agosto de 2016, dia que configurou o golpe da então presidenta da República Dilma Rousseff (PT), a conjuntura política entrou em colapso. Tal caso foi julgado e analisado por três dias pelo Supremo Tribunal Federal (STF) que decidiu pelo combinado afastamento e o encerramento do mandato da parlamentar. A partir de então, o vice-presidente Michel Temer (PMDB) assumiu a cadeira presidencial.

Apesar disso, a maior parte da população brasileira não o reconhecia como um líder político, uma vez que ele não foi eleito pelo voto popular. Dessa forma, o presidente precisou criar estratégias para construir uma considerável base de aliados a fim de que os seus projetos

fossem aprovados na Câmara dos Deputados e no Senado. Desde esse momento, novos personagens ganharam notoriedade com o discurso ligado ao fim da corrupção e com pensamentos alinhados à religiosidade de que os valores tradicionais da família brasileira seriam “protegidos”.

Nesse alinhamento entre religião e política, o então deputado federal Jair Messias Bolsonaro obteve notabilidade no campo político. Isso se justifica pelos números de seguidores/apoiadores nas redes sociais. Inclusive, cabe ressaltar que o parlamentar usava as plataformas digitais para pregar a imagem de um homem simples, sem luxo, fazia *lives* quase que diariamente com gambiarras e objetos domésticos. Essa “simplicidade cotidiana” foi estrategicamente montada como um possível novo “Messias” que salvaria a população brasileira da corrupção, da mamata, das rachadinhas, a sua composição do ministérios seria por técnicos-especialistas, haveria o cumprimento da máxima de “bandido bom é bandido morto”, das secretarias e órgãos federais terem autonomia para trabalhar, o cartão corporativo não teria gastos exorbitantes, pois ele um “homem do povo” que se contentava com leite condensado e pão com manteiga no café da manhã não iria trazer prejuízos aos cofres públicos. Ademais, podemos afirmar que a estratégia de um novo Messias “deu certo” porque a imagem discursivamente de salvador convenceu os eleitores, o que garantiu vitória nas urnas.

Propositamente, daremos destaque aqui para o movimento dos caminhoneiros que ocorreu em maio de 2018. Nesse período, ainda na gestão de Temer, os preços dos combustíveis eram ajustados de modo que se tornou inviável transportar produtos e abastecer carros. Esse cenário se tornou caótico, e foi por meio do *WhatsApp* que a mobilização da classe se concretizou. Segundo a publicação do site UOL de 24 de maio de 2018, “... o mês marca a chegada de protestos dos caminhoneiros, insatisfeitos, com os constantes reajustes e o aumento dos preços dos combustíveis, que, segundo representantes da categoria, tornou inviável o transporte de mercadorias no país”.

Tal fato desencadeia a desordem no cenário político que aqui será analisada linguístico-discursivamente por meio dos gêneros midiáticos, uma vez que 2018 foi um ano eleitoral e, como já mencionado, Bolsonaro se solidariza com a classe e grava um vídeo em que diz:

[...] Preço do pedágio, indústria da multa, valor do frete, condições da estrada, roubo de carga. E agora, talvez, o mais grave: preço dos combustíveis, do óleo diesel. De há muitos (anos), os caminhoneiros buscam soluções para esse problema, que na verdade, interessa para todos os 200 milhões de brasileiros que não têm encontrado eco no legislativo, sobrou-lhes o executivo que teima a se omitir. Assim sendo,

apenas a paralisação prevista a partir de segunda-feira, poderá forçar o presidente da república (Temer) a dar uma solução para o caso. Do exposto a nossa solidariedade, que vocês sejam felizes e alcancem, realmente, o objetivo que interessa para vocês e para todos nós, 200 milhões do lado de cá (UOL, 2021).

Após algumas conversas e negociações com os representantes da classe, em 25 de maio de 2018, Michel Temer se pronuncia acerca dos bloqueios na estrada por alguns manifestantes, que, segundo ele:

[...] Vamos fazer um breve comunicado, começamos por dizer que desde o início da semana o Brasil e os brasileiros vêm sofrendo com a paralisação dos caminhoneiros. Ainda no domingo, começamos a tomar providências para atender às suas demandas, e ontem, como todos sabem, chegamos a um acordo com as lideranças nacionais representativas dos caminhoneiros. Eles pediram uma redução do preço do óleo diesel, a União irá ressarcir a Petrobras para garantir a redução de 10% do preço final do diesel. Pediram estabilidade no preço, nós acordamos estabilidade do preço do óleo diesel a cada 30 dias para garantir a chamada e demandada previsibilidade dos custos dos caminhoneiros. Eles pediram a eliminação da Cide no preço do óleo diesel, o governo firmou um acordo com o Congresso para zerar a Cide. Eles pediram a garantia do transporte de parte das cargas da Associação Nacional dos Anistiados a Petrobras (Conape), e nós asseguramos o encaminhamento ao Congresso Nacional de uma medida provisória que dê aos autônomos 30% das cargas da Conape [...] atendemos 12 reivindicações prioritárias dos caminhoneiros que se comprometeram a encerrar a paralisação imediatamente. Este foi o compromisso conjunto, este deveria ter sido o resultado do diálogo, muitos caminhoneiros estão fazendo a sua parte, mas, infelizmente, uma minoria radical tem bloqueado estradas e impedido que muitos caminhoneiros levem adiante o seu desejo de atender a população e fazer o seu trabalho [...] quero anunciar, portanto, e de imediato vamos implantar o plano de segurança para superar os graves efeitos do desabastecimento causado por essa paralisação. Comunico que acionei as forças federais de segurança para desbloquear as estradas, e estou solicitando aos senhores governadores que façam o mesmo (TV BRASILGOV, 2018).

Janeiro de 2019 marca o início do governo de Jair Messias Bolsonaro. No primeiro momento, o Brasil se encontrava polarizado por questões políticas, o que acarretou o rompimento de laços familiares, profissionais, amizades afetivas e as virtuais, sendo essas representadas pelos comandos “desfazer amizade” ou “deixar de seguir”.

Ainda nesse cenário caótico de desesperança, estavam todos aqueles que iam e vão de encontro às palavras, posturas, falas e escolhas do governo Bolsonaro. Já do outro lado, havia os bolsonaristas que apesar dos discursos agressivos, sem polidez e responsabilidade, acreditavam na nova proposta de cunho cristão que visava defender os bons costumes da família brasileira. Tal movimento ficou fortalecido porque se uniu ao discurso cristão, visto que a primeira-dama Michelle Bolsonaro é religiosa e, por inúmeras vezes, os líderes evangélicos usaram o púlpito da igreja como palanque político, não só no período eleitoral mas também em todo o percurso que ainda está sendo construído na atual gestão.

Ainda nesse ano, houve a nomeação dos ministros escolhidos por Bolsonaro para compor a base “técnica” do governo. Ainda no discurso, enquanto candidato à Presidência da República, ele prometeu enxugar a máquina pública, diminuir os ministérios, acabar com a “mamata”, o “toma-lá, dá-ca”. Dessa forma, a pesquisa enfatiza, apenas, alguns dos superministérios tais como: o Ministério da Saúde tendo como representante o médico Luiz Henrique Mandetta (DEM-MS), o Ministério de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, comandado pela ministra e também pastora Damares Alves e por fim o Ministério da Justiça confiado ao ex-juiz federal Sérgio Moro. Esses três superministérios receberam destaque aqui em nosso trabalho porque enfatizam as controvérsias do discurso elaborado no período eleitoral, que foi sendo desfeito na prática.

A ministra marca em seu discurso de posse um posicionamento que contraria o pensamento neoliberal. Segundo ela “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, sabemos que as cores azul e rosa pertencem a um universo de possibilidades lúdicas que toda criança deve usar e explorar, visto que isso não define o gênero. A parlamentar se dizia “mestre em educação” e em “direito constitucional e da família”, no entanto, não possui essas titulações, o site Terra declarou que “...a ministra confirmou que não dispunha de mestrado acadêmico, mas alegou que nas igrejas evangélicas é chamado de mestre quem dedica a vida ao ensino bíblico.” Já os outros dois superministérios serão discutidos e analisados adiante.

Em 25 de fevereiro de 2020, inicia a batalha invisível contra o coronavírus/covid-19. Nessa data foi confirmado em São Paulo o primeiro caso em solo brasileiro. Trata-se de um homem de 61 anos, com histórico que tinha vindo da Itália, região de Lombardia, ele deu entrada no Hospital Israelista Albert Einstein. À época, com publicação no site do UNA-SUS, Mandetta declara:

É mais um tipo de gripe que a humanidade vai ter que atravessar. Das gripes históricas com letalidade maior, o coronavírus se comporta à menor e transmissibilidade similar a determinadas gripes que a humanidade já superou [...] Nosso sistema já passou por epidemias respiratórias graves. Iremos atravessar mais esta, analisando com os pesquisadores e epidemiologistas brasileiros, qual é o comportamento desse vírus em um país tropical (CORONAVÍRUS, 2020).

O ano de 2020 foi marcado por alguns contextos confusos na saúde, na educação e principalmente na política. Esses panoramas serão discutidos a partir das análises discursivas dos memes. Seguindo para o ano 2021, a dissertação prioriza a discussão acerca do adiamento de contratos de vacinas no Brasil, a contrariedade do governo federal em relação à ciência, a

polaridade que foi instalada entre os que tinham anseio pela vacina e os que acreditavam que seria, apenas, uma “gripezinha” ignorando a importância de estar vacinado.

7.2 Análise do corpus

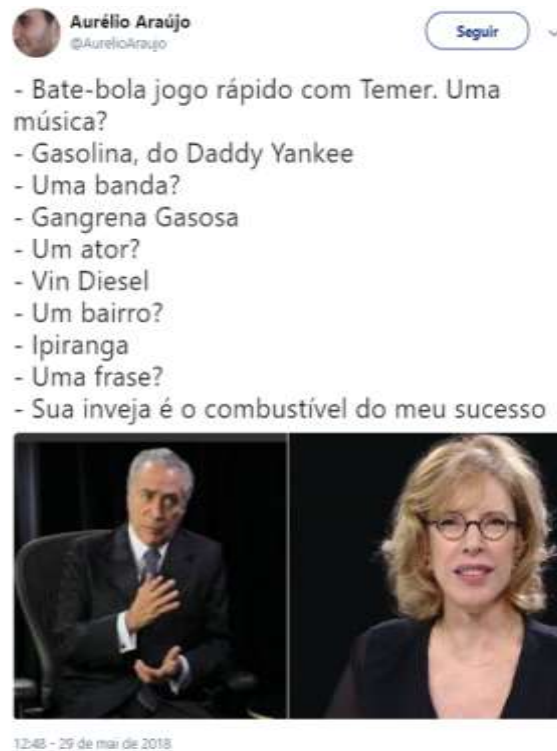
Figura 18 - Memepotoca



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/MidiaNINJA/photos/stf-mant%C3%A9m-jair-messias-bolsonaro-r%C3%A9u-em-2-a-%C3%A7%C3%B5es-penais/836825089808971/>. Acesso em: 17 maio 2022.

Aqui, na Figura 18, destacamos o aspecto linguístico na construção do neologismo “Bolsoréu”. Tal criação foi motivada a partir do nome “Bolsonaro” em que por meio da hipocorização possibilitou a redução do substantivo próprio para “Bolso”. Combinado a esse processo, verificamos que o léxico criado se justifica morfológicamente pelo processo de composição por justaposição dos morfemas lexicais: Bolso + réu. Por conseguinte, “Bolsoréu” retoma, pelos meios linguístico-discursivos o envolvimento do, então, deputado federal que, numa discussão com a parlamentar Maria do Rosário, proferiu injúrias e implicitamente fez apologia ao estupro, quando disse que ela não merecia ser estuprada. Essa fala trouxe ambiguidade na interpretação, que Maria do Rosário não merecia ser estuprada, deixando subentendido que outras mulheres sim. Por este entendimento, o STF o indiciou como réu.

Figura 19 – Memepotoca



Fonte: A autoria não identificada via WhatsApp.

Na construção da Figura 19, no plano extralinguístico, destacamos as inferências que são atribuídas, por intermédio do contexto da criação, portanto, faz-se necessária a contextualização.

Em maio de 2018, a associação de caminhoneiros promoveu a paralisação da classe. Essa medida foi adotada porque o Governo Federal não atendeu às exigências da classe, destacaram-se a melhoria nas rodovias e o alto custo que se encontravam os combustíveis. Deste modo, os caminhoneiros paralisaram e, com isso, trouxeram desconforto às empresas, aos agricultores, aos comerciantes.

Esses fatores fizeram com que o Governo Federal ouvisse a classe. Mais adiante, os *memes* começaram a surgir nas redes sociais, sendo a imagem 13 fruto desse contexto. Isso posto, evidenciamos o emprego dos elementos intralinguísticos combinados à foto que dialoga com o extinto programa do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) “De frente com a Gabi”, que era apresentado pela jornalista Marília Gabriela; nele, havia um quadro em que a apresentadora fazia perguntas, conseqüentemente, o convidado respondia com a primeira palavra que viesse à cabeça. Dessa forma, notamos que o humor em que se constrói, a partir das respostas do então presidente Michel Temer, ao empregar palavras que pertencem ao mesmo campo semântico de gasolina, como: gasolina, gasosa, diesel, Ipiranga e combustível.

Figura 20 – Memepotoca



Fonte: Autoria não identificada via WhatsApp.

Na composição da imagem, o *meme* de cunho religioso faz referência ao texto bíblico, que é a última Santa Ceia celebrada por Jesus Cristo na companhia de seus discípulos, antes da crucificação. Aqui, além da intertextualidade religiosa, há, ainda, um diálogo com o famoso quadro de Da Vinci. Além disso, contextualizamos que tal produção memética resgata as inovações tecnológicas e suas possíveis adaptações, como também os elementos de interferência na comunicação ocasionando o ruído entre os interlocutores. No plano linguístico, a fala de Jesus Cristo retrata a busca pelo contato por meio da função fática.

Figura 21 – Memepotoca



Fonte: Autoria não identificada via WhatsApp.

Neste material, observamos em sua construção memética, por meio de elementos combinados, a homonímia no plano intralinguístico do nome da cerveja Corona imbricada

com o do vírus corona. Além de apresentar traços metalinguísticos, usa o intertexto com a bebida.

Figura 22 - Memepotoca



Fonte: Autoria não identificada via WhatsApp.

Nesse *meme-figurinha*, é necessário recuperar o interdiscurso no qual fora construído a fim de que o interlocutor possa construir o sentido, ou seja, a crítica implícita. Nesse contexto, o presidente da República amenizou os efeitos do vírus e afirmou que pelo seu histórico de atleta, ele não seria infectado, ou havendo o contato com o vírus, seu estágio seria como um “resfriadinho”. Na época dessa fala, os números eram alarmantes e a curva dos infectados estava em ascensão.

Figura 23 – Memepotoca



Fonte: Autoria não identificada via WhatsApp.

Apesar da composição memética estar fora do nosso recorte histórico, pedimos licença para analisarmos os elementos combinados nela. No plano verbal, observamos a fala de uma profissional da saúde questionando a mãe se o soco que foi acertado no rosto estava doendo, esta afirma que sim. Em seguida, a agente conclui para que a mãe vacine o filho, senão “levaria” outro soco no rosto. Destacamos o aspecto não verbal que evidencia a progenitora envergonhada, com dor ou até mesmo “sem jeito” pela atitude da profissional. Além desse aspecto, ressaltamos que, pragmaticamente, há uma quebra de expectativa pela postura da médica, uma vez que a atitude de agredir não se encaixa no contrato tácito exercido por essa profissão. Obviamente, o que gerou a ironia foi exatamente a falta de protocolo da agente ao agredir a mãe, por acreditar que a vacina de combate ao coronavírus faria mal às crianças.

Outro aspecto a ser levantado seria que, discursivamente, pode ser analisado o fato de a população ainda acreditar em *fake news* ou no senso comum ao invés de confiar e incentivar a ciência.

Figura 24 – Memepotoca



Fonte: Autoria não identificada via WhatsApp.

A greve dos caminhoneiros em maio de 2018 já anunciava o cenário instável na economia brasileira. Esse movimento não refletia somente o aumento do combustível e sim as taxações nos produtos, a elevação dos valores das passagens aéreas, dos alimentos, dos estudos, enfim, viver no Brasil se tornou algo desafiador e caro.

Sob esse olhar, a população brasileira ainda viveria momentos de bastante caos na economia com o atual des-governo. Isso porque não há investimento na educação, houve morosidade na aquisição das vacinas para combater à covid-19, discursivamente sempre há um desmerecimento à ciência. Todo esse cenário reflete no mercado internacional, na falta de credibilidade que o Brasil vende para o mundo.

O meme acima reflete a instabilidade financeira dos brasileiros, o alto valor dos produtos básicos para alimentação. Além de marcar a ausência de privilégio que a população tem de ir ao supermercado comprar produtos dos quais gosta e que lhe trazem prazer e/ou satisfação. Em suma, no plano verbal do último balão, destaca-se que, atualmente, o Brasil tem um “governo de merda”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos os processos linguísticos como um produto da combinação de elementos verbais, não verbais, discursivos e pragmáticos, podemos perceber o quanto a Linguística Textual contribuiu para isso. Nesse sentido, este trabalho abordou por meio dos gêneros textuais a funcionalidade e maleabilidade da língua em seus contextos diversos de interação.

Sendo assim, podemos destacar a contribuição de Marcuschi (2005), que observou os gêneros textuais como entidades formais, históricas e estáveis. Tal olhar remete à teoria bakhtiniana, que defendia que as atividades discursivas estavam relacionadas à língua. Ou seja, a depender da esfera comunicativa, o sujeito falante ajustava o discurso, que, ao ser verbalizado, transformava-se em um enunciado, sendo este projetado em um gênero textual.

Indo adiante, a pesquisa se debruçou na Teoria da Semiologia de Charaudeau, ao estabelecer acordos pragmáticos das circunstâncias discursivas. Dessa forma, os conceitos de contrato de comunicação, atos de linguagem, implícitos e explícitos na construção de sentido, noção dos sujeitos interactantes, entre outros, foram abordados e discutidos. Um dos objetivos específicos deste trabalho era observar a relevância discursiva do gênero textual meme.

Nessa perspectiva, percebemos que, apesar de o assunto ser pouco discutido na Academia, há trabalhos fecundos e de excelentes abordagens acerca do meme. Entendemos também como um dos nossos propósitos elevar a importância textual desse gênero e tratá-lo de forma significativa, importante, tal como seus pares: charge, cartum, histórias em quadrinhos.

Além desse olhar linguístico-discursivo do meme, notamos que a estrutura textual e a prática discursiva se aproximavam da fotopotoca, gênero textual criado por Ziraldo nos 1960, que satirizava as personagens públicas empregando o humor como ferramenta argumentativa e de convencimento. Era uma proposta de se falar o que era importante, negando a formalidade presente em outros gêneros similares.

Indo além, destacamos o humor, a pragmática, a intertextualidade e a interdiscursividade como fatores relevantes para a construção da compreensão e interpretação dos jogos dos seres imaginários e sociais. Ademais, ressaltamos a constituição do “Tu” nas circunstâncias comunicativas, visto que, a depender de quem seja o interlocutor, o contrato tácito situacional será norteado, previamente, pela construção inicial do “Eu enunciativo”, que

fará jogos linguísticos, discursivos e co-textuais a fim de viabilizar ao “outro” condições de compreender e interpretar aquilo que se tem como fim.

Depois disso, cabe ressaltar a escolha do *corpus* que possibilitou abordar por meio da comparação entre os gêneros discursivos: fotopotocas e memes. Ainda nessa proposição destacamos que, apesar do meme não constituir autoria identificada, atualmente, é um dos gêneros com mais aplicabilidade nos contextos sociais.

Por outro lado, é interessante mencionar que a ausência de autoria identificada dos memes viabiliza a disseminação de informações que nem sempre são verídicas. Nesse sentido, aproximamos a estrutura discursiva dos memes e das fotopotocas que ao usarem o balão ou a legenda da foto indicando uma possível fala ou pensamento, estão criando “verdades” que foram construídas a partir de contextos situacionais. Como já mencionado no capítulo 3, o intuito desses gêneros seria a provocação por meio do humor, que permite o riso e a reflexão, apresentando um modo desprezioso de dizer o que se pretende, afinal “é só um meme.”

Por fim, a dissertação abordou e comprovou por meio do *corpus* apresentado a intergenericidade que ocorreu das fotopotocas ao meme. Tal gênero constitui uma releitura contemporânea delas, sendo este um traço particular dos memes, que aos poucos vêm, de certa forma, substituindo socialmente o gênero no qual ele se espelhou por intermédio do processo de transmutação.

REFERÊNCIAS

“A SOLUÇÃO mais fácil era botar o Michel”: Os principais trechos do áudio de Romero Jucá. 24 maio 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html. Acesso em: 16 fev. 2022.

AMORIM, P. H. *Flávio Bolsonaro emprega cinco investigados no caso Queiroz*. 17 maio 2019. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/politica/flavio-bolsonaro-emprega-cinco-investigados-no-caso-queiroz>. Acesso em: 2 mar. 2022.

ANTUNES, I. Textualidade e os gêneros textuais: referência para o ensino de línguas. In: ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018.

BARTHES, R. *Novos ensaios críticos: o grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1974.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. V. *Ein Führung in die Textlinguistik*, Tübingen, Max Niemeyer. 1981.

BERGSON, H. *O riso ensaio sobre o significado do cômico*. Trad. Guilherme de Castilho. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

BORGES, F. G. B. Os gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação do Brasil. *Rev. bras. linguist. apl.*, v. 12, n. 1, 2012.

BLACKMORE, S. *The meme machine*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CHAGAS, V. (org.) *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Nad/Fale-UFMG, 2004.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. 2. ed., 3 reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2.ed., 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 21 dez. 2021.

CHORÃO, líder na greve dos caminhoneiros de 2018, não vai aderir a paralisação. [S. l.], 29 jan. 2021. Disponível em: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/brasil/160036-chorao-lider-na-greve-dos-caminhoneiros-de-2018-nao-vai-aderir-a-paralisacao>. Acesso em: 28 fev. 2022.

CORDEIRO, F. *Relembre as polêmicas da ministra Damares Alves*. 26 dez. 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/relembre-as-polemicas-da-ministra-damare-alves,e39919c669f1a41d9bdc48ec93b867c21a7urtnq.html>. Acesso em: 1 mar. 2022.

CORONAVÍRUS: Brasil confirma primeiro caso da doença. 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 1 mar. 2022.

CORONAVÍRUS: Como o ‘excesso de mortes’ pode revelar o verdadeiro número de vítimas da pandemia de covid-19. 18 jun. 2020. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2020/06/coronavirus-como-o-excesso-de->

mortes-pode-revelar-o-verdadeiro-numero-de-vitimas-da-pandemia-de-covid-19.html. Acesso em: 22 maio 2022.

COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

DANIEL, L. M. *A configuração e o funcionamento do gênero discursivo Fotopotoca de Zivaldo*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

DAWKINS, R. *The selfish gene*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

DENNET, D. C. *Consciousness explained*. Boston: Little, Brown and Company, 1991.

DENNET, D. C. *Darwin's dangerous idea*. Nova York: Simon & Schuster, 1996.

DUCROT, O. Enunciação. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.

FERNANDES, M. C. et al. *Acusada no crime, Flordelis adotou como filho e foi sogra do marido morto*. 1 jan. 2019. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/01/01/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-afirma-bolsonaro-na-posse.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2021.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 1926-1984. Trad. Luiz Felipe Baeta Neve., 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J. L. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B; SOUZA-E-SILVA, M. C. (org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

GLOBO ESPORTE. Sobre o jogo. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/programas/segue-o-jogo/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, E. A Elaboração da Face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GREVE dos caminhoneiros. 4 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/ao-vivo/ greve-de-caminhoneiros-maio-de-2018.ghtml>. Acesso em: 26 fev. 2022.

HORTA, N. B. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva Semiótica*. 2015. Dissertação (Mestrado em Imagem, som e escrita) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

ORLAND, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2005.

JAKOBSON, E. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1973.

KOCH, I. V. Intertextualidade e polifonia: um fenômeno só? *Revista D.E.L.T.A*, v. 7, n. 2, p. 529-543, 1991.

KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 18. ed. São Paulo: Contexto. 2018.

LINHARES, J. *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”*. 16 abr. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em: 27 maio 2021.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é, como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. (Série Debates 1).

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: reflexões e ensino. In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.

MARIDO da deputada Flordelis é assassinado em Niterói. 16 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/16/marido-da-deputada-flordelis-e-assassinado-em-niteroi.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MARLOW, C. Audience, Structure and Authority in Weblog Community. Communication Association Conference, Maio de 2004. In: RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura).

MATOS, D. *Bolsonaro diz que não houve intervenção política na Polícia Federal*. 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.blogsoestado.com/danielmatos/2020/04/24/bolsonaro-diz-que-nao-houve-intervencao-politica-na-policia-federal/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MELIM, Tatiana. *Aumentos da gasolina no governo Temer afetam não apenas quem precisa abastecer carro ou moto*. 22 fev. 2018. Disponível em: <https://cutrs.org.br/aumento-da-gasolina-no-governo-temer-afeta-nao- apenas-quem-precisa-abastecer-carro-ou-moto/>. Acesso em: 26 fev. 2022.

MENDONÇA, A. *Acusada no crime, Flordelis adotou como filho e foi sogra do marido morto*. 27 ago. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/08/4871474-acusada-no-crime--flordelis-adotou-como-filho-e-foi-sogra-do-marido-morto.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MOTTA-ROTH, D. *Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/28317/19880>. Acesso em: 4 jun. 2022.

PEREIRA, A. R. *Meme: a replicabilidade, ressignificação e a participação popular na perspectiva Semiolinguística*. 2020. Tese (Doutorado em Teorias do texto, do discurso e da tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

PEREIRA, D. *O mistério continua: Adriano foi ou não executado pela polícia?* 25 abr. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/o-misterio-continua-adriano-foi-ou-nao-executado-pela-policia/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

POSSENTI, S. Humor e diálogo. In: BASTOS, N. B. (org.). *Lusofonia: memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

PRESIDENTE diz que bandeira do Brasil jamais será vermelha, em referência ao PT. 1 jan. 2019. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/presidente-diz-que-bandeira-do-brasil-jamais-sera-vermelha/>. Acesso em: 25 maio 2021.

QUAIS são as investigações que envolvem os filhos de Bolsonaro? 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52419855>. Acesso em: 20 fev. 2022.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura).

ROSSI, M. *Novas denúncias de ex-funcionário sobre esquema das 'rachadinhas' sacodem a família Bolsonaro*. 3 set. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-03/novas-denuncias-de-ex-funcionario-sobre-esquema-das-rachadinhas-sacodem-a-familia-bolsonaro.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SEARLE, J. *Expressão e Significado: estudos da teoria dos atos de fala*. Trad. Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, A. C. G. Golpe parlamentar de 2016 no Brasil e o afastamento da Presidente: Poder Judiciário como ultima ratio para salvaguardar a democracia. *Revista Jus Navigandi*, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 21, n. 4831, 22 set. 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/52157>. Acesso em: 26 fev. 2022.

TEIXEIRA, L. G. S. *O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001. (Série Papéis Avulsos, 38).

TEIXEIRA, Z. S. R. Processamento inferencial: um dos caminhos na leitura de memes. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

TV BRASILGOV. *Presidente Michel Temer faz pronunciamento sobre a greve dos caminhoneiros*. YouTube, 25 maio 2018. Disponível em: 1 mar. 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=W1n8Xq6-2g8>.

UOL. *Greve dos caminhoneiros*: vídeo de Bolsonaro com apoio à paralisação de 2018 volta a circular. YouTube, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vRZGLCptknQ>. Acesso em: 28 jan. 2022.

VALENTE, A. Intertextualidade e interdiscursividade nas linguagens midiáticas e literárias: um encontro luso-brasileiro. In: OLIVEIRA, F.; DUARTE, I. M. *O fascínio da linguagem*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2008.

VALENTE, A. *A linguagem nossa de cada dia*. Vozes, 1997.

VALENTE, A. Intertextualidade e interdiscursividade em charges, tirinhas e quadrinhos midiáticos. In: SIMÕES, D. M. P. (org.). *Semiótica, linguística e tecnologias de linguagem*. Homenagem a Umberto Eco. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.

VALENTE, A. Variedades do discurso: intertextualidade e interdiscursividade na mídia e na literatura. In: BASTOS, N. B. *Lusofonia: memória e diversidade cultural* (org.). São Paulo: EDUC, 2008.

ZIRALDO. *Ziraldo n`O Pasquim*: só dói quando eu rio. São Paulo: Globo, 2010.